

# Ciência para todos



FLÁVIO DUTRA/JU

O estudante de Ciências Biológicas Voltaire Paes Neto trabalha na confecção de réplicas de fósseis do acervo do Museu de Paleontologia da UFRGS

Quando o saber produzido estende os limites da academia *P. Central*



CLÉBER VERONIA/ARQUIVO PESSOAL

INCLUSÃO NA UFRGS

## Relatório divulga primeira avaliação do Programa de Ações Afirmativas

P4

## Homenagem a um defensor dos clássicos

Estudioso da obra de Giordano Bruno e da Renascença, Nuccio Ordine recebeu o título de Doutor Honoris Causa em 12 de abril. Ao agradecer a honraria, ele disse que era o reconhecimento de seu trabalho como professor e de sua militância no campo editorial. Ordine

reitera a importância de conhecer o passado para o entedimento do mundo de hoje. “A história e os clássicos ajudam-nos a saber como nos comportarmos no presente e nos dão algumas diretrizes de como devemos agir com relação ao futuro.”

P7

VOLUNTARIADO

## Mestrando relata sua experiência em missão de ajuda ao Haiti

P10

VÍRUS DA GRIPE

## Risco de complicações

Estudo coordenado pela professora Maria Inês Azambuja, do Departamento de Medicina Social da UFRGS, alerta para a relação entre o vírus da influenza e o número de pacientes internados com problemas no coração. A constatação é corroborada por pesquisa realizada em hospitais públicos paulistas por médicos da Unifesp. Embora a vacina ofereça proteção somente contra três cepas do vírus, especialistas concordam que ela é a única alternativa viável no momento. Medidas simples como lavar as mãos e usar lenços descartáveis ajudam a evitar a contaminação. **P11**

HOSPITAL VETERINÁRIO

## Desafio no atendimento

Nossa reportagem acompanhou a rotina de alunos e residentes no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade, o segundo em número de atendimentos no país. Segundo o diretor do HCV Marcelo Alievi, são justamente as situações de emergência que fazem com que os alunos mais aprendam: “Com as urgências eles acabam tendo de lidar também com outros problemas, como a eventual morte do animal”. A instituição ainda realiza projetos de castração de baixo custo em parceria com ONGs e a Secretaria Especial dos Direitos Animais de Porto Alegre. **P5**



FLÁVIO DUTRA/JU

Psicologia

Bispo do Rosário e os limites da arte contemporânea **P13**

Lia de Itamaracá

Show da cirandeira marca chegada da UFRGS ao litoral **P12**

## Espaço da Reitoria

Rui Vicente Oppermann  
Vice-reitor e Pró-reitor de Coordenação Acadêmica

# Expansão planejada

Em consonância com a política de expansão do governo federal para o ensino superior, a UFRGS incluiu no seu Plano de Desenvolvimento Institucional a ampliação da sua presença no litoral e na serra do nosso estado. Desde 2009, estamos trabalhando na implantação do Câmpus Litoral Norte, apesar de a Universidade estar presente na região há muito tempo. Instalado na praia de Imbé desde 1978, o Ceclimar, órgão auxiliar do Instituto de Biociências, oferece dois cursos de graduação, além de atividades de pesquisa e de extensão. Contamos, na região, com Polos de EAD para a formação de professores, bem como com atividades nas áreas de agronomia, sociologia, antropologia, entre outras. Portanto, instalar um câmpus na região litorânea tem primariamente o objetivo de ampliar a presença acadêmica da Universidade, integrando às atividades existentes novas áreas de atuação.

Esse processo de implantação se dá a partir de duas importantes premissas:

1 – A participação da comunidade no

processo. Para tanto, contamos com uma Comissão Pró-Instalação do Câmpus Litoral Norte, com as parcerias da Associação de Municípios do Litoral Norte, da bancada gaúcha no Congresso Nacional e da comunidade local. Foram realizadas várias audiências públicas que serviram para identificar necessidades, potencialidades, riscos e benefícios. Também foi decidido que o município de Tramandaí deveria abrigar as primeiras unidades, tendo já doado à Universidade uma área de 15 hectares. O Câmpus será propulsor do desenvolvimento regional, além de servir de modelo para o estado e o país;

2 – O Câmpus é um novo empreendimento, a primeira experiência da UFRGS na construção de um câmpus fora de sede. É evidente que sua instalação está condicionada à obtenção de recursos específicos para esse fim. Em 2011, no início do governo Dilma, o Câmpus Litoral Norte foi oficialmente incorporado pelo MEC aos projetos de expansão a serem realizados até 2014.

Com isso, estão garantidos os recursos de infraestrutura, custeio e principalmente de pessoal para a sua instalação. Assim, em breve poderemos iniciar a construção física e definir o início das atividades acadêmicas. A UFRGS está construindo sua proposta político-pedagógica para o Câmpus ao mesmo tempo em que incrementa sua presença na região. No mês de julho, teremos o festival de inverno Maré de Arte, com uma programação cultural, artística e educativa variada, a ser realizado em cooperação com a prefeitura de Tramandaí.

A UFRGS é uma das melhores universidades do país. Temos aspirações a uma projeção ainda maior e, para tanto, a ampliação de suas bases junto à comunidade gaúcha é fundamental. A excelência de uma universidade se constrói para e com a comunidade à qual ela pertence. O câmpus no Litoral Norte, agora, e o câmpus na Serra gaúcha, em futuro próximo, são atestados de que a UFRGS reconhece na sua comunidade o endereço principal de sua existência.

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900  
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

**Reitor**  
Carlos Alexandre Netto  
**Vice-reitor**  
Rui Vicente Oppermann  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello  
**Secretário de Comunicação Social**  
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE  
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

**Conselho Editorial**  
Cassiano Kuchembocker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissara  
**Editora**  
Ánia Chala  
**Repórteres**  
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein  
**Projeto gráfico**  
Juliano Bruni Pereira  
**Diagramação**  
Kleiton Semensatto da Costa  
**Fotografia**  
Flávio Dutra  
**Revisão**  
Antônio Falcoetta  
**Bolsistas**  
Bibiana Guaraldi, Priscila Daniel e Priscila Kichler Pacheco (jornalismo)  
**Circulação**  
Márcia Fumagalli  
**Fotolitos e impressão**  
Gráfica da UFRGS  
Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade  
@jornalufrgs

## Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

### Bailes da reitoria

No dia em que comemorávamos nosso 44.º aniversário de casamento, meu cunhado leu uma mensagem no laptop que logo reconhecemos como sendo um trecho da entrevista que havíamos concedido ao Jornal da Universidade sobre os Bailes da reitoria. A mensagem "escaneada" da edição de novembro de 2011 do JU nos foi remetida por um professor da UFRGS. Foi uma grata e alegre surpresa para nós e nossos familiares.

► Gessy, ex-professora, e Jayme Genz, engenheiro formado pela UFRGS

### Nota da redação

Desde a edição passada, o JU conta com um novo site no portal da UFRGS na internet. Agora, acessando o ícone no canto direito do portal, é possível ler a edição atual e as edições anteriores. O Jornal também ganhou uma nova página no Facebook e uma conta no Twitter. Siga-nos no facebook.com/jornaluniversidade e pelo endereço twitter.com/jornalufrgs.

## Memória da UFRGS

ACERVO LUME / UFRGS



Na segunda metade daquela década, a reforma do Salão de Atos da reitoria remodelou completamente o antigo espaço de eventos acadêmicos e espetáculos. Atualmente, o Salão de Atos abriga 1.299 pessoas, sendo 10 lugares para cadeirantes. Depois da reforma, o espaço cultural ganhou ainda a Sala II, que tem acomodação para 266 pessoas.

## Década de 1980

## Artigo

# A formação de um polo de competência em microeletrônica

A UFRGS, principalmente por meio do Programa de Pós-graduação em Computação (PPGC), promoveu a criação do Polo de Informática que temos no Rio Grande do Sul. No final dos anos 70, diversas empresas foram criadas por professores e alunos da Universidade, dentre elas a Digital, a Altus e a BCM. Foi da UFRGS que saiu também a maior parte da equipe da Edisa, que liderava o mercado nacional de minicomputadores quando o então presidente Collor cancelou a Lei de Informática antes do término previsto. Com isso, a Edisa interrompeu o desenvolvimento de novos computadores. Poderíamos apostar que, se a empresa tivesse continuado com seu desenvolvimento próprio, hoje poderia estar exportando equipamentos para diversas partes do mundo. Apesar disso, a maioria das demais empresas criadas na época continua ativa, principalmente porque foram formadas por pessoas que entendem da tecnologia da área e têm o domínio tecnológico de seus produtos (não são apenas montadoras). A transferência científica e tecnológica promovida pela UFRGS para o setor industrial na época gerou um novo desafio: em que a nossa instituição poderia contribuir para o avanço tecnológico do novo Polo de Informática? Como os pesquisadores da Universidade acompanham as pesquisas internacionais, foi imediato o reconhecimento de que se deveria investir em microeletrônica, pois a evolução prevista seria colocar toda a computação/eletrônica de um produto em um chip. O então coordenador do

PPGC, professor Daltro Nunes, promoveu uma ação estratégica: articular a ida de docentes e estudantes para o exterior a fim de obterem o doutorado na área de microeletrônica. Em 1981, a UFRGS teria o seu primeiro doutor em microeletrônica, o professor Altamiro Susin. Dois anos mais tarde, foi criado formalmente o Grupo de Microeletrônica, composto inicialmente pelos professores Altamiro Susin, Tiaraju Wagner e Ricardo Reis. Em 1984, a UFRGS efetuou o projeto completo do primeiro chip gaúcho funcional, que foi processado na França. Na época, também foi desenvolvido o projeto de um microprocessador.

Desde então, foram formados centenas de mestres e doutores na área pelo PPGC e pelo PGMicro, único programa interdisciplinar em microeletrônica do país – formado por docentes do Instituto de Informática, da Escola de Engenharia e dos Institutos de Física e de Química – que, neste ano, comemora uma década. Em todo esse processo, sempre tivemos como referência o estado da arte internacional. Um dos resultados é que temos hoje mestres e doutores formados pela UFRGS em microeletrônica que atuam em empresas e universidades do Rio Grande do Sul e do Brasil, mas também em empresas internacionais, como a Intel, AMD, Nangate, Broadcom.

Paralelamente ao desenvolvimento de pesquisas na área e à formação de recursos humanos qualificados, os professores da UFRGS vinham procurando mostrar ao governo estadual a importância estratégica de o Rio Grande do Sul

liderar e promover o desenvolvimento nacional na área. Tanto que, já em 1983, a Universidade promoveu a realização do primeiro Simpósio Brasileiro de Concepção de Circuitos Integrados no auditório do Centro Administrativo do Estado – evento que continua sendo realizado anualmente em diferentes cidades do Brasil e que tem repercussão internacional (com os anais do simpósio publicados nos EUA). Finalmente, durante o governo Olívio Dutra, o secretário Adão Villaverde entendeu a relevância de investir no setor, e o Rio Grande do Sul conseguiu trazer para o estado a implantação do Ceitec, primeira empresa na América do Sul com capacidade de fabricar chips. Essa ação só foi possível devido à competência conquistada nessa área, resultado do trabalho que vinha sendo desenvolvido na Universidade. O Ceitec é hoje um ícone da microeletrônica nacional e, juntamente com a UFRGS, coloca o Rio Grande do Sul em destaque no cenário internacional.

Não temos espaço aqui para relatar os diferentes trabalhos e os resultados obtidos pela UFRGS ao longo destes 30 anos de atuação, mas cabe ressaltar que esses estudos vão desde a pesquisa e o desenvolvimento de algoritmos e ferramentas de CAD para a automação do projeto de chips até o processamento físico-químico desses chips.

Segundo um resultado recente, que demonstra mais uma vez o estado da arte da pesquisa desenvolvida na Universidade, uma equipe formada pelos doutorandos Tiago Reimann (PGMicro),

Gracieli Posser (PPGC) e Guilherme Flach (PG-Micro) e pela bolsista de IC Jozeanne Belomo, orientados pelos professores Marcelo Johann e Ricardo Reis, obteve dois prêmios em um concurso de ferramentas de CAD, coordenado pela Intel. O concurso foi promovido pela sociedade científica ACM/SIGDA, e os resultados foram anunciados no International Symposium on Physical Design (ISPD), realizado em março na Califórnia. A equipe da Universidade obteve dois prêmios no concurso dedicado ao tema "Dimensionamento Discreto de Portas Lógicas". Primeiro lugar na categoria que avalia a temporização e o consumo, e o tempo de execução da ferramenta de CAD, e segundo lugar na categoria que considera apenas temporização e consumo de energia. Participaram 32 equipes, representando algumas das melhores universidades do mundo, principalmente dos EUA, Taiwan, China e Rússia, e também uma empresa da Índia. Essa premiação reafirma que o trabalho de pesquisa aqui desenvolvido está à altura dos critérios internacionais e que temos condições de competir globalmente com soluções eficientes e inovadoras. A UFRGS demonstra que, com dedicação, persistência e investimentos, podemos projetar o Rio Grande do Sul no cenário internacional.

**Ricardo Reis**  
Professor do Instituto de Informática, coordenador do PGMicro, pesquisador 1A do CNPq

## Consulta para reitor tem calendário definido

No dia 14 de junho, a comunidade da UFRGS realizará consulta para a escolha do próximo reitor da Universidade para a gestão 2013/2016. O calendário foi aprovado na reunião do Conselho Universitário (Consun), realizada em 13 de abril, quando também foram eleitos os membros das comissões de Consulta e de Ética, sendo que esta também deverá ter representantes dos conselhos de Ensino, Pesquisa e Extensão e de Curadores. Uma das novidades deste ano é que as unidades que não tiverem aulas no turno da noite encerrarão a votação mais cedo, enquanto as demais prosseguirão até as 21h.

O período de campanha das candidaturas terá início no dia 14 deste mês e encerrará 24h antes da consulta à comunidade. Caberá à Comissão de Ética estabelecer os parâmetros que orientarão o processo de Consulta, inclusive quanto ao financiamento das campanhas. A Comissão de Consulta, presidida pelo professor Celso Loureiro Chaves, promoverá quatro debates em cada um dos câmpus da Universidade: da Saúde, do Vale, Central e Olímpico. A divulgação das datas e dos locais dessas atividades ocorrerá por meio do Portal da Universidade.

**Regramento** – Celso, docente do Departamento de Música do Instituto de Artes, já presidiu a Comissão de Consulta em 2008 e tem boa expectativa quanto ao andamento do processo na UFRGS. “Na Consulta anterior não havia as definições suficientes nas normas, na legislação. Para a consulta deste ano, essa especificação existe desde agora. Na verdade, desde dezembro de 2011, quando o Consun deliberou por manter como atribuição do Conselho a realização de uma Consulta à Comunidade. Naquele momento, todo o processo foi atrelado aos regimentos já existentes. Em outras palavras, manteve-se a proporção definida em lei de 70% do peso dos votos para docentes, 15% para os técnicos administrativos e 15% para os estudantes.” Isso, segundo ele, encerra qualquer possibilidade de discussão.

“Outro aspecto importante é que na consulta anterior não havia fórmula. Hoje há uma fórmula, devidamente aprovada pelo Consun, que mostra



como serão calculados os votos de cada candidato.” O professor destaca que essa fórmula é calculada sobre os votos válidos como forma de valorizar quem está votando, uma vez que o voto não é obrigatório. Todo esse cuidado visa evitar muitos dos problemas ocorridos no processo de consulta de 2008.

No dia 3 de maio, será realizado um sorteio para definir o número das chapas e sua ordem na cédula de votação. Celso esclarece ainda que, na mesma ocasião, será sorteada a chapa que dará início a cada um dos quatro debates oficiais.

**Votação** – A exemplo do que ocorreu nas últimas consultas, o Centro de Processamento de Dados da Universidade (CPD) irá disponibilizar equipamentos e softwares para a realização do pleito. Segundo o professor, a divulgação da classificação dos candidatos deverá ocorrer logo após a meia-noite do dia 14.

Podem participar do processo professores efetivos, substitutos e temporários, e técnicos administrativos em efetivo exercício. Também são eleitores os alunos matriculados nos cursos de graduação, mestrado e doutorado. São considerados não

votantes docentes e técnicos convidados e pós-graduados em atividades de ensino e pesquisa.

No dia da votação, feita em cédula digital oficial, o eleitor deverá comparecer a qualquer seção de votação com o cartão da UFRGS ou com um documento oficial com foto, fazendo sua identificação na urna eletrônica mediante seu número de cartão da Universidade seguido da senha. Concluído o voto, a urna emitirá um sinal sonoro comprovando a votação. Para finalizar o processo, o eleitor deverá assinar a lista de presença. Para tal, cada unidade terá a listagem com o nome de todos os votantes.

Caberá à Comissão de Consulta determinar o número de seções eleitorais a serem instaladas nos câmpus. Essa distribuição ocorrerá em função do respectivo número de votantes e da dispersão geográfica em todos os espaços da Universidade. Quem estiver impossibilitado de votar por meio digital, poderá participar do processo por meio de célula de papel na urna que será especialmente instalada no prédio da reitoria. Terminada a votação, as folhas de presença dos eleitores serão encaminhadas à Comissão de Consulta, que também receberá a apuração final emitida pelo Centro

de Processamento de Dados (CPD).

Entre a divulgação do resultado e a reunião do Consun que encaminha a lista tríplice ao Ministério da Educação, marcada para o dia 6 de julho, há um prazo para os recursos. Celso ressalta que, de acordo com a legislação vigente, o Conselho Universitário deve enviar ao MEC uma lista tríplice, respeitando a classificação dos candidatos na consulta. Tradicionalmente, o Ministério tem acatado a decisão da comunidade, nomeando o candidato classificado em primeiro lugar.

Além do professor Celso, fazem parte da Comissão de Consulta os docentes Jair Ferreira e Rudnei Dias da Cunha; os técnicos administrativos, Rebeca Campani Donazar, Angelica Schaeffer e Regina Lühring; os representantes discentes Tiago Groman, Darko Bufolin e Paulo Giacomelli Jr.; a representante do Conselho de Curadores Ida de Freitas Xavier; e Paulo Mors, representante da sociedade civil junto ao Consun.

Integram a Comissão de Ética como titulares os seguintes representantes eleitos: Nina Becker, Daniela Marzola Fialho, Daniello Knijnik, Roberta Fernandes Fajer, Cinara Lerrer Rosenfield, Glauco Ludwig Araújo e Daniel Pires Bueno.

### Integração

## Portas Abertas ganha nova edição

No sábado de 12 de maio, a UFRGS vai receber a comunidade de todo o estado em mais uma edição do projeto Portas Abertas. A atividade, que em 2011 recebeu cerca de 10 mil visitantes, tem por objetivo apresentar a Universidade a quem está se preparando para escolher uma formação profissional de nível superior. Centenas de professores, técnicos administrativos e estudantes universitários irão mostrar aos visitantes como funcionam faculdades, grupos de ensino e pesquisa, bibliotecas, espaços de convivência, cultura e lazer, salas de aula e laboratórios da UFRGS. Além de visitas guiadas pelas unidades acadêmicas, acontecem palestras sobre os cursos, simulações, oficinas, peças de teatro, orientação sobre profissões, mostras de trabalhos de alunos e demonstrações de experimentos e pesquisas. Alunos de Ensino Médio e vestibulandos podem utilizar o projeto como uma ajuda na escolha da profissão, já que os diversos cursos de graduação da UFRGS serão apresentados aos visitantes. O projeto será realizado nos turnos da manhã e da tarde com visitação gratuita. A programação completa do evento está disponibilizada no Portal da UFRGS na internet. Informações adicionais podem ser solicitadas pelo e-mail [portasabertas@ufrgs.br](mailto:portasabertas@ufrgs.br) ou pelo telefone 3308-3535.

## Teatro e patrimônio

# A arte da restauração

As primeiras apresentações de “Incidente em Antares”, obra do realismo mágico de Érico Veríssimo que fala da degradação humana em uma cidade fictícia onde a classe operária entra em greve geral, inclusive os coqueiros, não poderiam ter melhor espaço para ser encenadas do que em um prédio em reforma. É uma metáfora da necessidade de cuidar não só do patrimônio de uma cidade, mas de transformar a alma das pessoas que a povoam. Esse é o caso da parceria entre o Grupo Cerco, ligado ao Departamento de Arte Dramática

do Instituto de Artes, e a Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS.

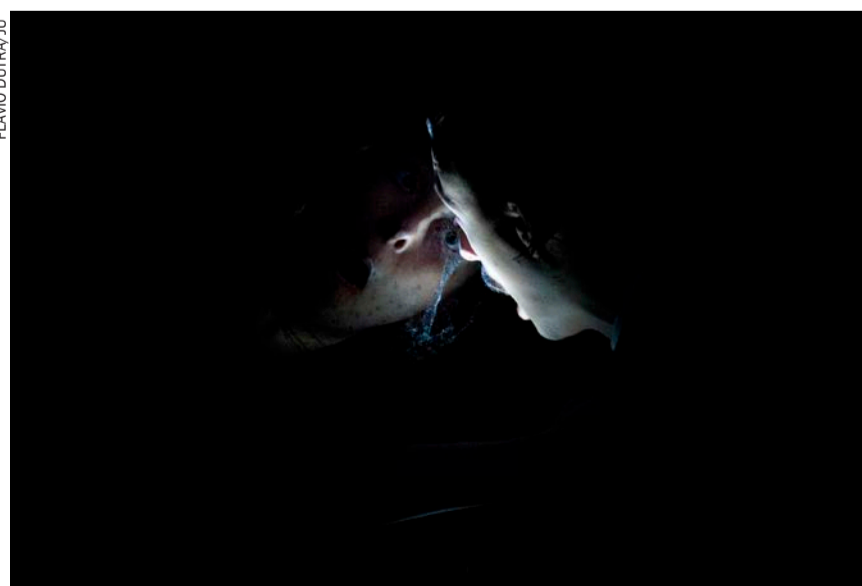
A montagem foi encenada entre 12 e 22 de abril no antigo prédio da Escola de Engenharia, no Câmpus Central. A escolha do local não foi aleatória, considerando a importância da construção, que data de 1901, primeira a ser levantada exclusivamente para abrigar um curso superior no estado e que conta parte da história de Porto Alegre. “Esse prédio sedimenta o ensino superior na cidade, por isso apoiamos a iniciativa de encenar durante as obras

de restauro. Além de mostrar o quanto é importante conservar, chega aqui o espírito bacana do teatro”, destaca o coordenador do Departamento de Educação Patrimonial da SPH, Nei Vargas da Rosa.

Com a adequação do espaço para a colocação de luzes e adaptação da sonoplastia, o maior desafio para o grupo foi a falta de acústica e o barulho proveniente da Av. João Pessoa. “A maioria das cenas são de frente para o público, mas algumas começam das laterais, com os atores saindo de trás da plateia. Por isso, tivemos que trabalhar muito a voz”, relata o ator Celso Zanini, que interpreta o advogado Cícero Branco, líder da revolta dos mortos insepultos de Antares, além do delegado torturador Inocêncio Pigarço.

Os dez dias de pré-temporada foram concorridos. Com apenas 50 lugares disponíveis, o público teve de chegar cedo para acompanhar as apresentações. O espetáculo deve entrar em cartaz ainda no final deste semestre. “A repercussão pode nos ajudar a levar a peça para outros espaços”, destaca a diretora do espetáculo.

As obras de recuperação começaram há quatro anos e, conforme o engenheiro responsável, Luiz Francisco Perrone, um dos pontos que atrasou a conclusão dos reparos foi a instalação de um elevador que teve problemas com o tipo de alicerce do prédio mais que centenário.



### Especial StudioClio

## Jazz de Cinema: canções que contaram histórias

Quem gosta de um bom filme sabe a importância que a trilha sonora tem como elemento narrativo, a ponto de, muitas vezes, tornar-se mais marcante que a própria história que ela ajuda a contar. Com uma atenção especial a canções que marcaram época, a UFRGS TV apresenta o especial *StudioClio - Concerto Jazz de Cinema*, com os músicos Nico Bueno (contrabaixo), Michel Dorfman (piano) e Bruno Braga (bateria). O jazz trio vai interpretar alguns clássicos do cinema, como *As Time Goes By*, música eternizada em *Casablanca* (1942), de Michael Curtiz; *The Shadow of Your Smile*, tema de *Adeus às Ilusões* (1965), de Vincent Minnelli; e a canção-tema de *Cinema Paradiso* (1988), dirigida por Giuseppe Tornatore.

A ideia de realizar esse espetáculo partiu de uma experiência musical anterior no StudioClio. Em 2010, o contrabaixista propôs organizar algo especial no verão, e, ano passado, ocorreu o show do grupo Cumbuca Instrumental. O espetáculo tratava de temas do trompetista Miles Davis e do pianista Bill Evans. A proposta fez tanto sucesso que será reeditada com o tema ‘jazz no cinema’.

Nico Bueno e Michel Dorfman se conhecem há mais de vinte anos, mas acabaram se afastando devido aos projetos pessoais. A iniciativa de chamar o baterista Bruno Braga partiu da vontade dos músicos de tocar com alguém diferente dos colegas habituais – Mano Gomes e Kiko Freitas. Sobre Bruno, Nico diz que “ele tem a sensibilidade de entender que a música tá cheia de climas. É um jeito diferente de tocar bateria”.

A escolha das músicas foi feita principalmente por Bueno e Dorfman, e, segundo este, são “trilhas de todas as épocas, num apanhado geral do século passado inteiro e algumas coisas de agora. [...] Cada música que a gente toca meio que transcendeu o filme, são composições que tiveram uma trajetória independente”. Os músicos acreditam que sempre há uma canção marcante, em qualquer filme, por isso não foi difícil escolher um repertório bonito e emocionante. Para o trio, a escolha da trilha sonora cinematográfica é fundamental. “A pessoa acaba associando um sentimento a um som. Tu vê uma imagem e ela é musicada. Depois, quando a imagem desaparece, aquela composição ainda existe”, declara Bruno. “A música ajuda a fazer o público entrar no filme, chorar, se emocionar... Ela é tudo”, finaliza Nico.

\*Taís Castro, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

### Assista aos programas

O programa *StudioClio Jazz de Cinema* vai ao ar em duas partes, nos dias 4 e 11 de maio de 2012, às 20h, com reprise às 23h, na UNITV, canal 15 da NET POA. Também será disponibilizado na internet na página [www.youtube.com/ufrgstv](http://www.youtube.com/ufrgstv).



**Jeferson de Souza Tenório, bolsista do mestrado em Letras, ingressou na graduação como cotista e concluiu o curso de Letras iniciado em uma universidade particular**

## Hora de avaliar

O professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas José Vicente Tavares dos Santos preside a Comissão de Avaliação da Política de Ações Afirmativas da UFRGS, eleita pelo Conselho Universitário. Ele explica que o relatório recém-divulgado será um dentre vários documentos que a Comissão estará analisando durante este mês: “Vamos estudar também o relatório da Comissão de Acompanhamento dos Alunos de Origem Indígena e os processos que chegaram ao Decordi reivindicando inclusão ou denunciando alguma irregularidade desde a instauração do Programa de Ações Afirmativas da Universidade. Além disso, a Comissão

irá considerar as informações das dissertações de mestrado e das teses de doutorado produzidas na UFRGS sobre a política de ações afirmativas”. Segundo o professor, o objetivo de todo esse trabalho é oferecer ao Consun uma avaliação cientificamente sólida, racional e não contaminada por pré-noções para que seus integrantes possam ter uma boa base para decidir sobre a política de cotas implantada desde o Vestibular de 2008.

José Vicente acrescenta que também será considerado o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação divulgado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) em julho de 2011. Será estudado ainda o noticiário

de imprensa de todo esse período e os dados obtidos por um grupo de pesquisa da UERJ. “O nosso papel é fazer uma avaliação dos dados quantitativos, das informações provenientes desses diferentes produtos acadêmicos e dos dados da imprensa, pois uma análise simples desta questão não basta. Também faremos uma consulta pública chamando entidades envolvidas na questão e vamos ouvir grupos de alunos cotistas.”

O relatório final deverá estar concluído no início do mês de junho em função da data de promulgação do edital do Vestibular de 2013. “Realizamos reuniões duas vezes por semana e estamos fazendo a consulta a todo esse material”, informa o docente.

# Relatório mostra desempenho dos cotistas

**Primeiros dados**  
*Pesquisa aponta ampliação do acesso de egressos de escolas públicas e autodeclarados negros aos cursos de graduação*

Ânia Chala

No final de abril, a Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas da Universidade concluiu um relatório que avaliou quantitativamente o ingresso e o desempenho acadêmico de estudantes cotistas. O documento apresenta uma análise da ocupação das vagas, além de um estudo quantitativo do impacto da reserva de vagas no perfil dos ingressantes na UFRGS.

Uma das constatações do levantamento foi que os cursos com alta densidade, isto é, com um maior número de candidatos por vaga no Vestibular, apresentam um baixo índice de desistência em comparação com os cursos menos disputados pelos estudantes. Segundo a pró-reitora de Graduação da UFRGS e presidente da Comissão de Avaliação do Programa de Ações Afirmativas da Universidade, Valquíria Linck Bassani, “os cursos de alta densidade no vestibular também são os de maior prestígio, sendo que os estudantes que ingressam nesses cursos costumam atingir escores bem elevados, o que exige uma intensa dedicação aos estudos. Por outro lado, a maior parte desses cursos não se situa na área das Ciências Exatas, na qual registramos a maior dificuldade de acompanhamento”.

A técnica em assuntos educacionais da Pró-reitoria de Graduação Michelle Doebber acrescenta que os estudantes que conquistam uma vaga em um curso muito disputado normalmente já fizeram cursinho mais de uma vez, contam com uma boa estrutura familiar e vieram de escolas públicas diferenciadas. “Então eles tiveram uma preparação mais completa e, muitas vezes, desfrutaram de uma condição socioeconômica que lhes permite dedicar-se integralmente ao curso escolhido”, completa.

Valquíria ressalta que o relatório é exclusivamente quantitativo e que a partir dele novos levantamentos serão necessários, até que seja possível avaliar os impactos do sistema de cotas na Universidade. “Tendo por base esse estudo inicial, novas questões deverão ser respondidas por pesquisas qualitativas.”

**Correção de rumo** – Conforme o relatório, as vagas destinadas a estudantes de escola pública autodeclarados negros não foram integralmente ocupadas pelo público a que se destinavam, tendo sido preenchidas por estudantes optantes pela modalidade egresso de escola pública. A média de ocupação de vagas para os autodeclarados negros entre 2008 e 2012 foi de 38,5%. Em 2008, observou-se uma maior porcentagem de ocupação comparativamente aos três anos subsequentes, possivelmente devido ao atendimento de uma demanda reprimida inicial, já que esse foi o primeiro ano do Programa de Ações Afirmativas.

A porcentagem manteve-se entre 32 e 34% nos anos de 2009, 2010 e 2011. No entanto, em 2012 verificou-se um aumento expressivo na ocupação das vagas no concurso vestibular, que atingiu 49,6%. Esse índice pode estar relacionado à mudança nos procedimentos de avaliação dos candidatos instituída pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) a partir de processo encaminhado pelo Diretório Central dos Estudantes da UFRGS, que apontou limitações no ingresso pelo critério adotado nos anos anteriores na pré-classificação dos candidatos no Vestibular. A mudança, que foi tema da reportagem de capa da edição de março do JU, determinou que a seleção inicial levasse em consideração o segmento para o qual o candidato estava inscrito.

**Perfil** – Ao estudar o impacto do Programa de Ações Afirmativas no perfil dos alunos ingressantes na UFRGS por meio do concurso vestibular, o relatório compara os dados disponíveis relativos ao concurso vestibular 2007, anterior ao Programa, com os dados referentes aos vestibulares de 2008 a 2012.

Entre os classificados, ou seja, os estudantes que conseguiram ingressar na Universidade, foi observado o aumento de 15,77 pontos percentuais na proporção de classificados entre os anos de 2007 e 2012. Outro dado importante indicou que, entre os candidatos de escola pública que se autodeclararam negros, a proporção entre os classificados aumenta em 8,18 pontos percentuais, quando comparados os anos de 2007 e 2012. Chama a atenção o crescimento ainda maior nos cursos de alta densidade, nos quais a proporção passa de 1,43%, em 2007, para 14,83%, em 2012. Isso demonstra um aumento de 13,4% pontos percentuais, o que representa 10,4 vezes mais candidatos desse grupo entre os classificados.

**Desempenho** – Para a análise de desempenho dos cotistas, foi tomada como indicador a última Taxa de Integralização Média (TIM) de cada estudante ingressante em 2008. Em relação ao desempenho geral dos estudantes, não há diferenças estatisticamente significativas entre os que ingressaram pelo acesso universal e os egressos de escola pública.

O documento ressalta que, “embora a análise tenha sido feita com uma única amostra, constituída pelos estudantes ingressantes em 2008, as análises apresentadas sinalizam o potencial da política para o acolhimento dos estudantes egressos de escola pública, já que esse grupo mostra desempenho equivalente ao dos estudantes que ingressaram pelo acesso universal”.

O relatório elenca alguns desafios para o aprimoramento do Programa, como o preenchimento total das vagas destinadas aos estudantes egressos de escolas públicas autodeclarados negros, a ampliação das ações que contribuam para a sua permanência qualificada na UFRGS e a realização de estudos adicionais sobre o desempenho acadêmico dos alunos, incluindo o desenvolvimento de software para acompanhar os índices de retenção e evasão de cursos.

A professora Valquíria e a técnica Michele destacaram ainda a importância de incrementar a divulgação da política de ações afirmativas junto às escolas, visto que muitos dos estudantes que estão concluindo o ensino médio ainda desconhecem a existência do sistema de cotas na UFRGS.

## Pesquisas acadêmicas

Além dos relatórios, a Comissão de Avaliação da Política de Ações Afirmativas irá analisar o conhecimento científico produzido pelos alunos da própria UFRGS por meio das dissertações de mestrado e teses de doutorado disponibilizadas no Repositório Digital da Universidade. A íntegra dos trabalhos abaixo listados pode ser acessada no endereço [www.lume.ufrgs.br](http://www.lume.ufrgs.br).

**Título:** Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas  
**Autor:** João Vicente Silva Souza

**Título:** «Que América Latina se sincere»: uma análise antropológica das políticas e poéticas do atavismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul  
**Autor:** Laura Cecilia Lopez

**Título:** Políticas públicas de ações afirmativas, educação e Abá (pensamento) negro-brasileiro diaspórico  
**Autor:** Jorge Manoel Adão

**Título:** As Ações Afirmativas na UFRGS: uma análise do processo de implementação  
**Autor:** Gregório Durlo Grisa

**Título:** Universidade pública e inclusão social: as cotas para autodeclarados negros na Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
**Autor:** Maria Cristina Lunardi Kern

**Título:** Reconhecer-se diferente é a condição de entrada: tornar-se igual é a estratégia de permanência: das práticas institucionais à constituição de estudantes cotistas negros na UFRGS  
**Autor:** Michele Barcelos Doebber

**Título:** Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico  
**Autor:** Luciane Bello



# A rotina do HCV



FLAVIO DUTRA/JU

Ligado à Faculdade de Veterinária, o hospital recebeu novas instalações em março e é o segundo em número de atendimentos do país, realizando anualmente cerca de 20 mil consultas

## Hospital Veterinário Alunos e residentes enfrentam o desafio diário de atender animais de pequeno e grande porte

Samantha Klein

Enquanto o estudante José Ricardo Herrera, vindo da Universidad Nacional de Colombia para uma temporada de três meses no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS, e Luana Raianne, de Campina Grande, que trocou a cidade paraibana pela capital gaúcha, atendiam um cão no pós-cirúrgico numa manhã de abril, chega uma garota correndo com outro cachorro no colo. “Sai da frente, ele não está respirando!”, diz ela ao entrar na UTI recém-construída e já dar início aos procedimentos de colocação de oxigênio. “Isso acontece a toda hora”, comenta Herrera, que escolheu fazer estágio no HCV justamente para vivenciar esse tipo de situação.

São as ocorrências extremas as que mais incentivam a tomada de decisões práticas que podem salvar uma vida, acredita o diretor do hospital da Universidade, Marcelo Alievi. “Eu até poderia aceitar somente consultas com hora marcada, mas são essas situações que fazem com que os alunos mais aprendam. Com as urgências eles acabam tendo de lidar também com outros problemas, como a eventual morte do animal, exatamente como em um hospital para pessoas”, conta o professor.

**Prática = aprendizado** – Os primeiros hospitais para animais surgiram, no Rio Grande do Sul, nos anos 50. No caso dos estabelecimentos privados, eram uma alternativa para difundir o alcance do trabalho dos veterinários. Já nas universidades, representavam uma oportunidade de prática dos procedi-

mentos que os estudantes aprendiam em sala de aula. O HCV, que data de 1956, surgiu 33 anos depois da consolidação da graduação em Veterinária na UFRGS. Após sua instalação, os alunos, com a supervisão de professores e em seguida dos médicos residentes, passaram a ser os protagonistas no cuidado com os bichos. Hoje, o hospital oferece a oportunidade de começar a estagiar já nos primeiros semestres, permitindo aos estudantes passar por etapas que vão desde a nutrição animal até a realização de cirurgias, ciclo que dura cerca de dois anos. O objetivo é proporcionar estágios para os alunos da própria UFRGS, mas também abrir as portas para universitários de outras instituições. Além dos casos emergenciais, os futuros profissionais vão conviver com as rotinas de atendimento. Trajetória semelhante seguem outras unidades hospitalares ligadas às diferentes faculdades de medicina veterinária.

Mas não são apenas os casos de emergência que desafiam os estudantes. O estagiário Aparício Mendes de Quadros, da Universidade de Passo Fundo, há três anos auxilia nos procedimentos cirúrgicos eletivos e pretende atuar na instituição por mais um bom tempo. Ele, que se formará em agosto deste ano, pretende fazer a residência no setor de animais de grande porte e diz não se importar de passar a maior parte do tempo em uma ala clínica ou cirúrgica. “Cumpro uma carga-horária de 8h, mas muitas vezes fico mais tempo, para acompanhar outros procedimentos. Não me canso, fico porque realmente gosto”, afirma o aluno do 10.º semestre.

Ainda no início do curso de medicina veterinária da Ulbra, a estudante Poline Carvalho vai além de cuidar dos horários de medicação, da aplicação de injeções subcutâneas e da troca de curativos dos pacientes. Mais do que aprender os procedimentos pré e pós-cirúrgicos, ela também cria laços afetivos com os animais. “Essa é a Naná, que está há três dias conosco. Já me apeguei, ela é um amor”, diz a aluna enquanto carrega a cadelinha para um passeio horas antes de encaminhá-la para uma cirurgia no fêmur.

**Hospitais universitários** – No Rio Grande do Sul existem quatro grandes hospitais veterinários ligados a universidades. As unidades da UFRGS, UPE, UFSM e Ulbra dependem diretamente das faculdades de medicina veterinária, e vice-versa, já que boa parte das aulas práticas está vinculada ao acompanhamento dos procedimentos clínicos e cirúrgicos. É com essa finalidade que as instituições surgiram: como locais de prática para os estudantes. Porém, logo as faculdades perceberam que esse trabalho poderia contribuir para o atendimento dos animais da comunidade na qual estão inseridas.

Na capital, o Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS, localizado no Câmpus do Vale, é o segundo em número de atendimentos no país, atrás somente do da USP. São aproximadamente 20 mil procedimentos ao ano, com uma média de 8 cirurgias por dia. Porém, ainda assim, a demanda é muito maior que a capacidade de agendamento do HCV. A unidade é referência em procedimentos complexos e videocirurgias minimamente invasivas. A instituição também realiza projetos de castração de baixo custo em parceria com ONGs e a Secretaria Especial dos Direitos Animais de Porto Alegre, criada no final do ano passado.

Já no eixo metropolitano, o Hospital da Ulbra, localizado no Câmpus Canoas, tem o foco no ensino, mas também atende à comunidade e às cidades do entorno. No norte do estado, o hospital da Universidade de Passo Fundo foi organizado há 12 anos a fim de oferecer treinamento prático aos estudantes, mas em seguida a comunidade acadêmica percebeu que era necessário abrir as portas para atender à população. Atualmente, a unidade funciona 24h para atendimento externo, prestando em torno de 10 mil atendimentos ao ano. Na região central, o hospital da Universidade Federal de Santa Maria é referência: com aproximadamente 7 mil atendimentos por ano, 15% dos procedimentos são realizados em grandes animais, principalmente

equinos e bovinos. No entanto, esse número pode ser ainda maior, pois os pecuaristas também podem agendar visitas dos veterinários diretamente nas propriedades rurais da região.

**Superlotação** – A preocupação com o bem-estar dos animais cresceu por inúmeros motivos. Nas últimas décadas, começou a ficar claro que cuidar dos bichos é uma questão de saúde pública. Além disso, com famílias cada vez menores, cães e gatos se tornaram grandes companheiros. Há ainda o aumento do número de organizações que abrigam animais abandonados ou agredidos. Assim, a mudança de comportamento em relação aos bichanos também se tornou uma oportunidade de negócios para diversos profissionais. Basta observar a quantidade de estabelecimentos exclusivos para o mundo pet. Em Porto Alegre, existem mais de mil lojas divididas entre butiques de beleza para animais e comércio de alimentos e 76 clínicas veterinárias. Somente entre abril de 2011 e o último mês, foram emitidos 139 alvarás para a venda de ração, de acordo os dados da Secretaria Municipal da Indústria e Comércio (SMIC).

A partir do aumento dos cuidados, os hospitais veterinários enfrentam o problema da superlotação. Entre os motivos estão os preços abaixo dos praticados nas clínicas menores e a disponibilização de serviços mais

complexos que somente instituições de maior porte podem oferecer. Dessa forma, os corredores dos ambulatórios, em geral, estão lotados e a agenda de marcação de consultas cheia.

O tempo médio para conseguir atendimento é de pelo menos 10 dias. É o caso do empresário Endrigo Savoia, que levou o HCV a cadela Mel, uma labradora Golden Retriever com problemas oftálmicos. “Valeu a pena esperar porque as referências daqui são muito boas”, comenta. Já a professora Fernanda Nadal chegou ao hospital localizado no Câmpus do Vale sem marcar consulta e teve de esperar três horas para ser chamada. “Só consegui atendimento porque o caso dela parecer ser muito sério”, afirma a docente com uma gatinha de 12 meses no colo.

Para contornar o problema da lotação, o HCV da UFRGS ficou mais de um ano em reformas a fim de aumentar a capacidade de atendimento e a estrutura hospitalar. Com a restauração, o número de boxes de internação passou de 15 para 35, além da inauguração de uma Unidade de Tratamento Intensivo que dispõe de cinco vagas para pacientes de pequeno porte com acompanhamento 24 horas. Mesmo assim, casos menos graves são encaminhados a outras instituições. “Convivemos com isso praticamente todos os dias. Deixamos o animal internado somente o tempo necessário”, ressalta o diretor da unidade.

## Esperança

No colo de dona Madalena Matone Feijó estava a gata Mimososa, que já se trata no setor de oncologia do HCV há mais de um ano. A gata é uma entre os 40 que a dona de casa cuida, além de outros 15 cachorros. “Essa é meu xodó”, considera, sabendo da gravidade da doença que o animal tem, mas sem perder a esperança no tratamento.

O ambulatório dos pacientes de pequeno porte está sempre cheio, e vários são os casos de câncer. É por isso que a veterinária Luciane Vieira escolheu essa área de especialização para tentar dar oportunidade de tratamento para

os doentes. “Quando se fala em câncer dentro da veterinária, ainda é muito comum a prática da eutanásia, pois as pessoas se perguntam se ‘vale a pena tratar’. É muito desanimador ouvir isso e saber que tantos bichinhos morrem sem ter pelo menos uma chance de aumentar sua sobrevida com o tratamento. No entanto, ainda bem que, com insistência, isso está mudando”, comenta.

É com exemplos como o dessa profissional, formada na própria UFRGS e que segue carreira no HCV há mais de três anos, que se mantêm os hospitais veterinários.



# Força da ciência

JU  
15  
anos



FLAVIO DUTRA/JU

Formando em Engenharia Mecânica, Tiago Nobre de Souza foi bolsista de Iniciação Científica durante a graduação e está aplicando os conhecimentos adquiridos em seu primeiro emprego

## Pesquisa Tempo, trabalho e incentivo à produção discente garantem o crescimento da área

Em sua oitava reportagem, a série especial dedicada aos 15 anos do Jornal da Universidade apresenta as configurações da pesquisa realizada na UFRGS, mostrando a trajetória da Propesq e o papel desempenhado pela Iniciação Científica.

“Foi uma ótima experiência. Durante dois anos, eu não me envolvi somente com o projeto, mas com o laboratório como um todo, tendo contato com graduandos mais avançados e com os professores, criando laços de amizade e trocas profissionais, além de ter aprendido toda a lógica de programação, metodologia científica e formatação de apresentação de artigos em congressos.” O relato é de André Markus, 25 anos, estudante de Engenharia Mecânica da UFRGS, a respeito de sua experiência na Iniciação Científica. Atualmente desenvolvendo o trabalho de conclusão de curso, André foi bolsista em um

projeto sobre fraturas do úmero – osso localizado entre o ombro e o antebraço. Vencedor do Prêmio Jovem Pesquisador no Salão de Iniciação Científica de 2008 com um trabalho sobre o mesmo tema, ele diz que o principal motivo que leva os estudantes a procurar uma bolsa de pesquisa é a oportunidade de empregar os conhecimentos obtidos nas aulas – mas o retorno financeiro também conta. “Normalmente, o aluno busca empregar os conhecimentos adquiridos em sala de aula em uma área de interesse, testando se aquele assunto pode ser um caminho profissional. Mas o trabalho remunerado também é bem-visto, porque o dinheiro, mesmo insuficiente para prover uma vida sem o suporte financeiro da família, gera, sim, certa independência, e é para muitos o primeiro salário continuado”, destaca.

O envolvimento dos alunos de graduação com atividades de pesquisa é um fenômeno observado em todas as áreas de estudo. Mas esse cenário ao qual a comunidade acadêmica está adaptada começou a ser desenhado há mais de quinze anos.

**A história** – Os contornos ganharam maior definição a partir de 1996, ano em que se deu a divisão da antiga Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Nascia, aí, a Propesq (Pró-reitoria de Pesquisa). “Antes disso, tinha-se a impressão de que

a pesquisa vinha exclusivamente da pós-graduação. Com o desmembramento, assumimos uma forma própria dentro da Universidade, desenvolvendo um caráter específico e experimentando um crescimento bastante significativo”, afirma Bruno Cassel Neto, atual vice-pró-reitor de Pesquisa.

Uma série de variáveis contribuiu para a expansão da pesquisa na UFRGS desde então. Além do surgimento de áreas de conhecimento que antes não existiam, Cassel Neto aponta como outro fator propulsor o progresso na pós-graduação: “Alguns anos atrás, a maioria dos programas de pós-graduação dispunha de cursos de mestrado, mas não eram todos que ofereciam doutorado; hoje, praticamente todos têm as duas possibilidades”.

O vice-pró-reitor ressalta que, na prática, a pesquisa se dá por meio de diferentes ações que favorecem não só uma, mas todas as áreas. Nesse cenário, a Iniciação Científica aparece como fundamental, uma vez que acaba formando os futuros pesquisadores da Universidade. “Ela propicia a convivência de pessoas com opiniões e ideias diferentes. E acrescenta muito à vida pessoal, no sentido de que a atividade de pesquisa ensina a ser perseverante e a trabalhar em equipe”, afirma Marininha Aranha Rocha, que foi vice-pró-reitora de Pesquisa por mais de dez anos.

**Saber discente** – Em 1989, com o objetivo de proporcionar aos alunos bolsistas de iniciação científica um espaço para a divulgação de seus trabalhos, foi criado o Salão de Iniciação Científica. Hoje o SIC é o canal pelo qual a Universidade contribui ao mesmo tempo para a formação do aluno e para o futuro da pesquisa. Tiago Nobre de Souza, formando em Engenharia Mecânica, foi bolsista em dois momentos da graduação e, em ambas ocasiões, participou do Salão. Segundo ele, para os alunos, o SIC representa não só uma oportunidade de divulgação de trabalhos, mas um exercício de comunicação: “A gente apresenta trabalhos na faculdade, mas é bem diferente quando é para uma banca. Eles comentam, elogiam, dão palpites, compartilham experiências semelhantes que talvez tenham tido. No meu caso, não ganhei destaque, mas é legal ver parte do teu trabalho sendo examinada por mais gente”. Hoje, Tiago aplica os conhecimentos adquiridos durante a graduação em seu primeiro emprego, uma empresa de projetos de modificação de aeronaves: “Tive bastante sorte. É algo com aplicação direta de engenharia, e eu gosto de fazer”.

Atualmente, cerca de 30% da comunidade acadêmica – mais de dez mil pessoas – está envolvida em atividades de pesquisa. Desse número, aproximadamente 10% são estudantes

de graduação, que participam como bolsistas ou voluntários. São muitos os motivos que levam esses alunos a procurar as bolsas. Além do interesse em pesquisar, eles procuram conhecer os projetos dos professores que admiram. Unânime, entretanto, é o desejo de utilizar os conhecimentos obtidos na sala de aula. André Markus afirma: “Na Engenharia, muitas vezes a pesquisa é a única área onde a teoria aprendida durante a formação pode ser aplicada em sua forma mais pura e complexa”. Para Tiago, “o estímulo é a vontade de fazer alguma coisa realmente aplicável na prática. Quando se tem a chance de desenvolver algo, dentro de qualquer área, o interesse aumenta”.

Desse modo, a Iniciação Científica contribui diretamente para os resultados vistos na prática. Mais do que isso, ela é o espaço em que muitos alunos exercitam pela primeira vez a profissão que escolheram. Leonardo Santagada, formado em Ciências da Computação pela UFRGS, também foi bolsista durante o curso. Ele resume: “Eu entrei meio sem expectativas, mas aprendi a conversar com pessoas de outras áreas. É sempre estimulante trabalhar com algo novo e experimentar os diferentes ramos dentro de um curso”.

Priscila Kichler Pacheco, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabco

## Dois pontos

André Schneider, revisor de textos  
andre.schneider@consun.ufrgs.br

### ► Eu que fiz, eu quem fez

O verbo pode concordar com o antecedente do pronome *que* (= **eu** que **fiz**) ou com o pronome *quem* (= eu **quem** **fez**), que o leva a ficar na 3ª. pessoa do singular. Vejamos o seguinte exemplo: “São eles **quem** **está** construindo o novo restaurante”. Na frase, embora o antecedente esteja no plural (*eles*), o verbo concorda com o pronome *quem* (*está*), o que está gramaticalmente correto! Outra opção é fazer a concordância do verbo com o antecedente do pronome *que*: “São **eles** que **estão** construindo o novo restaurante”.

### ► Discurso indireto

Fazer uso do *discurso indireto* significa relatar o que foi dito por alguém em um determinado contexto de comunicação. Na redação de documentos oficiais, é importante saber utilizá-lo para que se registrem de forma adequada os eventos transcorridos ao longo de uma reunião ou evento. Em termos práticos, passar uma fala do discurso direto para o discurso indireto implica a alteração lógica de certos elementos do enunciado. Colocamos no quadro ao lado as principais mudanças que devem ser consideradas.

### Discurso direto

**Enunciado em 1ª. ou 2ª. pessoa:**  
- Concordamos com o parecer.  
- Não achas melhor discutir o assunto na próxima reunião?  
**Verbo enunciado no presente:**  
- Sou o presidente da Comissão.  
**Verbo enunciado no pretérito perfeito:**  
- Estes representantes docentes já tomaram posse.  
**Verbo enunciado no futuro do presente:**  
- Será estabelecido um convênio com a fundação.  
**Verbo no modo imperativo:**  
- Fale próximo ao microfone, por favor.  
**Enunciado em forma interrogativa direta:**  
- Quantos prédios existem no câmpus?  
**Pronome demonstrativo de 1ª. ou 2ª. pessoa:**  
- Esta disciplina é eletiva.

### Discurso indireto

**Enunciado em 3ª. pessoa:**  
- Disseram que concordavam com o parecer.  
- Perguntou-lhe se não achava melhor discutir o assunto na próxima reunião.  
**Verbo enunciado no imperfeito:**  
- Afirmou que era o presidente da Comissão.  
**Verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito:**  
- Declarou que aqueles representantes docentes já haviam tomado posse.  
**Verbo enunciado no futuro do pretérito:**  
- Informou que seria estabelecido um convênio com a fundação.  
**Verbo no modo subjuntivo:**  
- Solicitou que falasse próximo ao microfone.  
**Enunciado em forma interrogativa indireta:**  
- Questionou quantos prédios existiam no câmpus.  
**Pronome demonstrativo de 3ª. pessoa:**  
- Observou que aquela disciplina era eletiva.



# Distinção ao saber

**Homenagem**  
**Nuccio Ordine,**  
**um dos grandes**  
**conhecedores**  
**das obras de**  
**Giordano Bruno**  
**e da Renascença,**  
**recebeu título de**  
**Doutor Honoris**  
**Causa**

Jacira Cabral da Silveira

O mais novo homenageado pela UFRGS com o título de Doutor Honoris Causa é o filósofo, crítico literário e professor italiano Nuccio Ordine. Ele recebeu a honraria no dia 12 de abril em cerimônia especial na Sala dos Conselhos, quando dividiu sua emoção com o reitor da Universidade da Calábria, Giovanni Latorre, presente à solenidade, assim como com os demais membros da comitiva que o acompanhou em sua viagem ao Brasil para receber o título da academia brasileira. Ordine dedicou o título a seu professor Alain Philippe Segonds, falecido em maio do ano passado e reconhecido por seu trabalho à frente da *Les Belles Lettres*, editora francesa especializada em clássicos da literatura e das ciências humanas.

Ao comentar o título recém-recebido, ele relatou uma fábula renascentista. É a história de um asno que transportava em suas costas a estátua de uma divindade. Quando passava por uma aldeia, o animal pensava que a reverência que o povo fazia era para ele e não para a imagem que carregava. "Acredito que essa historietta me ensinou a não cometer o erro do asno. A honra que hoje o Brasil me dá não é dada tanto a mim, à minha pessoa, e sim ao meu trabalho, a tudo que pude contribuir, por ensinar com paixão. É o reconhecimento de uma forma de militância no campo editorial com a publicação dos clássicos e do ensino na procura do saber."

Ordine é um dos maiores especialistas contemporâneos sobre a Renascença e Giordano Bruno. Seus livros foram traduzidos em vários idiomas, entre eles o japonês e o russo. Atualmente, é professor de literatura italiana da Universidade da Calábria, em Cosenza, Itália, e também do Centro de Estudos Avançados de Paris. É membro de honra do Instituto de Filosofia da Academia Russa de Ciências e comendador da Ordem do Mérito da República Italiana. Em seu país natal, é editor geral da série *Sileni*, lançada pela editora *Liguori*, e escreve para o jornal *Corriere della Sera*.

Em entrevista exclusiva, Ordine falou ao Jornal da Universidade:

**Como foram seus primeiros contatos com a literatura durante sua infância em Diamante?**

Essa é uma questão interessante, porque nasci em uma casa onde não havia livros e meus pais só concluíram a escola média. Eu sou o único com ensino superior das várias gerações de minha família. É interessante perceber como, nas pequenas cidades do sul da Itália onde não há livros nem bibliotecas, podem nascer grandes paixões. É por isso também que eu quis permanecer na Universidade da Calábria para poder ser professor universitário.

**Como um especialista em Renascimento, por que o senhor julga interessante para o homem da atualidade olhar para esse período?**

Eu penso que é impossível compreendermos o mundo de hoje sem compreendermos o passado. E sem essa compreensão também é impossível compreender, ou fazer uma previsão, das possibilidades de futuro. Para mim, a história e os clássicos ajudam-nos a saber como nos comportarmos no presente e nos dão algumas diretrizes de como devemos agir com relação ao futuro. Vou dar um exemplo: hoje, em nossa sociedade, o que conta e o que vale é só aquilo que traz algum lucro. Mas os clássicos nos mostram que as coisas que são consideradas inúteis é que são, na verdade, as mais úteis. É considerada inútil, por exemplo, a disciplina literária porque não produz lucro. Também são consideradas inúteis hoje em dia as pesquisas de base, porque não estão orientadas pelo mercado. Mas as grandes revoluções da história da humanidade foram produzidas por cientistas que não pensavam em produzir alguma coisa de útil.

**Em sua obra, a questão da tolerância, da convivência possível é um tema recorrente. O senhor avalia que é possível fazermos uma aproximação desse tópico com os tempos atuais?**

A ideia da intolerância nasce exatamente na Renascença, quando explodem as guerras religiosas. Erasmo de Rotterdam mostrou ser muito estranho o fato de a religião, com sua raiz etimológica *religare*, em lugar de religar, transformou-se num grande elemento de divisão, de destruição. Exatamente nesse momento dramático da história europeia [Renascença] surgem muitos intelectuais que começam a pensar sobre a questão da intolerância. Um desses intelectuais foi Giordano Bruno. Ele disse que só aquele que acredita ter a posse da verdade deseja impor aos outros essa verdade. Bruno quis extirpar a ideia da intolerância e, para fazer isso, propôs a destruição da noção de que existe uma única verdade. Para Bruno, é justamente essa pluralidade das verdades que enriquece a humanidade e não a empobrece. Esse é um conceito de grande atualidade porque hoje temos muitos 'traficantes de verdades'. Muitas igrejas e políticos vendem a própria verdade como se fosse a única. Mas ela é investigação, é pesquisa, não é posse. No momento em que afirmo que possuo a verdade, assim como fazem os traficantes de verdades, nesse momento eu a mato.

**Como essa noção repercute dentro de uma universidade, que é local de produção de conhecimento, de verdades?**

O verdadeiro conhecimento pressupõe uma grande humildade. Platão observa que a verdade não é buscada pelos deuses, porque os deuses já a têm, e também não é buscada pelos ignorantes, porque os ignorantes já acreditam que a possuem. Mas o filósofo é aquele que se apaixona pela verdade e se ocupa diariamente de abraçá-la. Na minha conferência que farei amanhã tem um capítulo dedicado à verdade.

**Vivemos um tempo difícil, já que experimentamos uma pluralidade teórica e de muita criação, assim como ocorria na Renascença?**

Penso que é difícil comparar as épocas. A Renascença tinha suas especificidades, diversas das de nossos dias. Mas existem coisas que retornam na história. Hoje, uma das tarefas principais do trabalho de professor é

colocar luz sobre alguns elementos e valores que foram deixados para trás. Um desses valores é o da gratuidade. Digo frequentemente a meus alunos que eles não estão ali única e exclusivamente para estudar e conseguir um diploma, mas sim para se tornarem cidadãos que pensam de forma autônoma. Outro tema importante é tratado muito bem na Filosofia: é uma forma de coerência entre aquilo que nós pensamos e o modo pelo qual vivemos cotidianamente. A Literatura e a Filosofia, portanto, têm de ser uma forma de viver. Se o estudo dessas disciplinas se faz única e exclusivamente para uma aprovação nos exames, isso significa que os estudantes não compreenderam realmente qual é propriamente o sentido da universidade. Porque a leitura de um clássico deve nos provocar uma profunda metamorfose. Muito frequentemente, o encontro com um livro é um encontro com um bravo professor e pode marcar a vida de um estudante. Mas o paradoxo é que nossa sociedade tem um desprezo forte pela cultura porque aquilo que realmente conta é o peso do dinheiro. A verdadeira dignidade de

um homem, no entanto, não se mede pelo dinheiro que ele possui, mas pelo conhecimento que cada um tem do mundo e pela autonomia crítica em relação a ele.

**O filósofo é aquele que se apaixona pela verdade e procura abraçá-la todos os dias**

**Como o senhor avalia a produção literária atual? Estamos perdendo tempo lendo essas obras?**

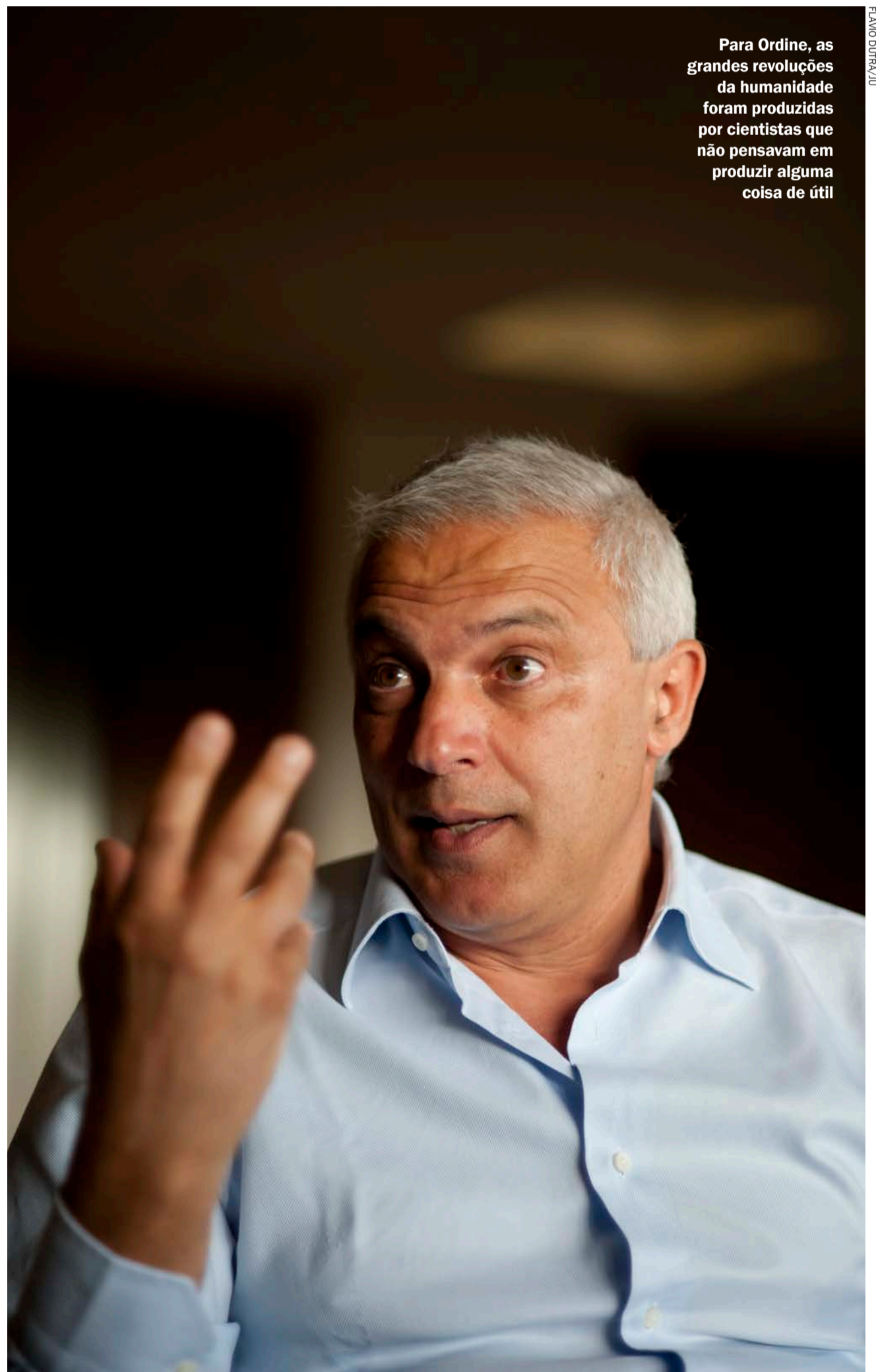
Entendo bem essa pergunta. O problema é que hoje o que conta é vender. O que acontece é que muito frequentemente se lê aquilo que se vende, e se vende aquilo que está colocado pelos personagens que apa-

recem no mundo midiático. Por isso, na Itália, temos grandes jogadores de futebol que, mesmo sendo completamente ignorantes, escreveram livros. As pessoas compram esses livros porque conhecem esses jogadores. Isso é resultado da indústria cultural, mas a verdadeira cultura não passa pela leitura dessas obras, sequer pelos grandes best sellers que cinco anos depois de sua publicação não são mais conhecidos. Continuamos, antes, a ler Homero, Shakespeare, Cervantes, Camões e Dante. E aqui há uma coisa importante: é que os clássicos operam um grande milagre.

**E qual é esse milagre?**

É que eu, um jovem calabrês lendo Homero, sinto que sua literatura faz parte de mim, e ele, portanto, não é mais um grego. O mesmo vale para Shakespeare e para Gabriel García Márquez, com *Cem anos de solidão*, um livro que fez muitas gerações sonharem no mundo inteiro. Esses clássicos fazem com que as distâncias entre os povos sejam minimizadas e é neles que encontramos as verdadeiras raízes da humanidade.

Para Ordine, as grandes revoluções da humanidade foram produzidas por cientistas que não pensavam em produzir alguma coisa de útil



# Especial

## Ciência no cotidiano

**Divulgação Científica** *Projetos como o da popularização do acervo do Museu de Paleontologia fazem o conhecimento circular na sociedade*

TEXTO **EVERTON CARDOSO** FOTOS **FLÁVIO DUTRA**



O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão governamental ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia cujas políticas pretendem fomentar a pesquisa científica e tecnológica, anunciou, em março passado, uma modificação na Plataforma Lattes: em breve, os pesquisadores deverão informar sobre as iniciativas de divulgação e educação científica que desenvolvam. Disponível online desde 1999 e com informações de 1,8 milhões de pesquisadores e de quatro mil instituições nacionais, o Currículo Lattes é conhecido por conter dados gerais das pessoas, dos projetos e das áreas com que estão envolvidas, da produção científica, tecnológica e artística de sua autoria, entre outros aspectos relacionados ao trabalho acadêmico e de pesquisa. De acordo com o comunicado de então, essa modificação pretende valorizar o impacto e a disseminação da ciência na sociedade.

**Conhecimento em circulação** – Ao fazer uma reflexão sobre o impacto da pesquisa e do conhecimento científico para a sociedade, a professora e pesquisadora do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS Ida Stumpf rememora o texto intitulado *Ovo*, de autoria do escritor e cronista Luis Fernando Verissimo, publicado no jornal Zero Hora em 1999. “Agora essa. Descobriram que ovo, afinal, não faz mal. Durante anos, nos aterrorizaram. Ovos eram bombas de colesterol. Não eram apenas desaconselháveis, eram mortais. Você podia calcular em dias o tempo de vida perdido cada vez que comia uma gema”, inicia o texto em tom quase esbravejante. Nessa crônica, é possível perceber o quanto as pessoas em geral, apesar de terem uma relação algo distante com a ciência e seus produtores, se apropriam desse conhecimento e o incorporam como verdade. “A divulgação científica tem de existir, mas tem de ser feita de uma maneira muito cuidadosa, porque ela precisa dizer quais são os limites da ciência

naquele momento”, explica a professora. É preciso, pois, tomar cuidado para não generalizar demais os resultados de uma descoberta científica, já que esta é limitada pela amostra escolhida para o estudo e também por variáveis temporais e geográficas.

A professora vinculada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS questiona-se sobre a pesquisa científica realizada no Brasil: “Quem é que paga pelo custo desses projetos? É a sociedade!”. Então, na opinião de Ida, os cientistas precisam dar um retorno ao público na forma de conhecimento. “Há coisas que a pesquisa descobre que vão mudar a qualidade de vida das pessoas”, destaca, ao mesmo tempo que chama atenção para o alto custo de projetos de pesquisa. Mesmo aqueles temas ou descobertas que não evidenciam uma aplicação imediata têm o seu valor. “Muitas vezes, é um conjunto de conhecimentos que pode não ser importante agora, mas a pesquisa vai num crescendo até o momento em que se dá alguma aplicação”, reforça a pesquisadora.

**Multiplicando o museu** – Desde 2009, a UFRGS mantém no Câmpus do Vale um Museu de Paleontologia cuja coleção inclui 30 mil peças de todo o mundo e que representam todos os períodos geológicos. “Ao organizarmos o acervo, vimos o quanto era rico em fósseis do Brasil e do mundo inteiro e o quanto vinha sendo subutilizado na divulgação da paleontologia”, explica a professora do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia Marina Soares. Foi por isso que, desde 2009, quando da publicação do primeiro edital para popularização da ciência na Universidade, a pesquisadora e sua equipe propuseram um projeto com esse fim: criar conjuntos com cópias fiéis de fósseis representantes de cada uma das três principais eras geológicas – paleozoica (de 542 a 250 milhões de anos atrás); mesozoica (de 250 a 65 milhões de anos); e cenozoica (de 65 milhões a 11 mil anos atrás). “A ideia desses kits é que o nosso acervo seja popularizado. Não se vai

manipular o fóssil original, que é raro e insubstituível, mas se poderá conhecer melhor a diversidade das formas que habitaram nosso planeta manipulando réplicas”, justifica. Finalizado o protótipo, o grupo partiu para a realização de oficinas tanto para alunos quanto para professores do ensino fundamental e médio. Marina enfatiza que a prioridade serão as oficinas com os docentes, pois eles são multiplicadores. A primeira – e experimental – dessas oficinas foi realizada com um grupo de 20 professores e estudantes de Geografia, Biologia e Pedagogia do Centro Universitário Metodista – IPA. “Ao final do curso, cada professor ficou com os três kits completos feitos durante o curso, inclusive com as informações teóricas necessárias para depois trabalharem em sala de aula com seus alunos”, avalia.

### Mesmo quando feitos por leigos, blogs remetem à fonte original, criando novas formas de acesso a veículos consagrados

**Física por todos os lados** – O Instituto de Física da UFRGS tem um conjunto de ações de divulgação científica que envolve encontros para conversas mais informais e palestras, bem como um programa de rádio e um de TV. Quinzenalmente, às sextas-feiras, é realizado o Café Científico, sempre ao meio-dia e meia, no anfiteatro Antônio Cabral do Instituto, no Câmpus do Vale. Na atividade que ocorre desde 2005, professores do IF, pós-doutorandos e alunos de pós-graduação fazem uma palestra de 50 minutos sobre um tema de seu interesse. “Pode ser tema da própria pesquisa, um hobby ou simplesmente algo que o palestrante ache que vale a pena falar

para alunos da graduação, em especial”, conta a atual coordenadora do projeto, professora Sandra Prado. Além dessa atividade, o Instituto também leva para fora da Universidade o conhecimento científico por meio de dois eventos. O Física na Cultura é realizado na livraria que dá nome ao encontro, sempre na terceira quinta-feira do mês, às 19h30. A cada edição, um físico convidado fala em linguagem acessível ao público leigo sobre seu objeto de pesquisa e a aplicação desse conhecimento no cotidiano das pessoas. Já o Conversas ao Pé do Físico, que acontece mensalmente na livraria FNAC, tem um formato um pouco diferente: “O físico que vai fazer a palestra leva um convidado, inclusive comediantes, músicos, poetas, pesquisadores de outras áreas”, relata o coordenador dessas ações Walberto Chuvas. Ambas as atividades são gravadas e editadas pela equipe da UFRGS TV e depois transmitidas no programa Simplifísica, que vai ao ar nas duas últimas quintas-feiras do mês e depois fica disponível no Youtube. Os professores do Instituto participam ainda do programa Fronteiras da Ciência, na Rádio da Universidade. Todas as segundas-feiras às 13h pelos 1.080 AM, acontecem debates sobre temas de fronteira da ciência e mitos pseudocientíficos.

**Robôs para incentivar** – “Mais que um programa de divulgação científica, é uma demonstração de que nossa Universidade está aberta a colaborar com a educação pública como um todo”. Assim o professor do Instituto de Informática da UFRGS Dante Barone sintetiza o objetivo do Roboteka, projeto por ele coordenado desde 2009. Em sua fase piloto, encerrada no ano passado e realizada no estado de Goiás, foram distribuídos kits de robótica para escolas públicas estaduais. Além disso, a equipe do projeto organizou capacitações para os professores e instalou ferramentas em ambientes virtuais de aprendizagem em oficinas tanto presenciais quanto a distância. Ao avaliar os resultados da ação, Dante Barone destaca que os alunos de Engenharia e

de Computação se sentem motivados e valorizados. “Assim, eles ajudam a estimular mais pessoas a seguirem essas carreiras. Ao fazer divulgação científica, interessam-se mais pelo conhecimento e desenvolvem linguagem apropriada para comunicar-se com os estudantes”, entusiasma-se. E comemora: “Em virtude dos resultados, fomos convidados a desenvolver um projeto em escala nacional, o Robô+Edu do MEC, que é destinado a dar capacitação a escolas públicas de ensino fundamental”.

**Novos canais de difusão** – Canais bastante recentes e que também servem como bons exemplos de divulgação científica são os blogs. Na pesquisa que desenvolveu durante quatro anos e que resultou em sua tese de doutorado, Rodrigo Caxias da Silva procurou compreender como essas novas plataformas servem para promover a circulação de conhecimentos advindos da ciência. “Como é que eu posso caracterizar uma coisa como científica ou não científica?”, indagou-se logo no início de seu projeto. Isso, sobretudo, porque, entre os sites selecionados para sua análise, apareciam alguns blogs de autoria de professores de ensino fundamental e médio, marinheiros, funcionários de cartório, entre outros profissionais não vinculados diretamente à produção científica. Entre as constatações do estudo de Rodrigo estão o fato de que a produção de conteúdo científico na web foge dos limites do campo científico. Muitas vezes, esses sites apenas replicam o que já fora publicado em algum outro lugar, mas o pesquisador, que hoje é professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, encontrou um dado curioso: esses posts, mesmo quando feitos por leigos, remetem à fonte, criando uma nova forma de acesso aos veículos mais consagrados para a divulgação científica. Os blogs funcionam, pois, como guias para encontrar textos científicos. Obviamente, apresentam problemas relativos à credibilidade, mas esses parecem ser os mesmos problemas encontrados em muitos veículos de comunicação.



A divulgação científica tem de ser feita de forma cuidadosa, deixando claros os limites da ciência

# Espaço para o jornalismo científico

Entre as vias de circulação do conhecimento produzido pela ciência na sociedade, o jornalismo tem tido um papel de bastante relevância. Visto como uma forma de conhecimento da realidade, tal como propõe o pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina Eduardo Meditsch, o trabalho do jornalista pode envolver a mediação e a tradução da linguagem científica para um auditório mais amplo, o público. De acordo com a professora do PPG em Comunicação e Informação da UFRGS Ida Stumpf, essa prática só apresentará bons resultados se o trabalho entre os profissionais da imprensa e os pesquisadores for desenvolvido em conjunto. “Talvez o jornalista capte o que seria importante da pesquisa científica, da ciência, para divulgar para o grande público, enquanto o pesquisador vai dar os limites daquilo que tem de ser divulgado”, pondera ao criticar a tendência de o jornalismo ter de tomar o resultado de uma pesquisa em particular como algo a ser generalizado. É por isso que, para a docente, é fundamental que o jornalista especializado nesse tipo de cobertura conheça a ciência e os seus métodos. “Ele precisa ter noção do que é ‘verdade’ em ciência, pois ela é temporária, até que outra pesquisa a supere”, adverte.

Tanto essa necessidade existe que, neste ano, a UFRGS está oferecendo um curso de especialização em Jornalismo Científico. Entre os docentes, está Wilson Bueno, jornalista, professor do Programa

de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo e editor do portal Jornalismo Científico Online. Na avaliação de Bueno, essa é uma área que tem ganhado mais espaço nas últimas duas décadas, inclusive com a proliferação de publicações voltadas para a ciência. Entre os desafios para os profissionais, o pesquisador enumera cinco pontos: superar o analfabetismo científico acentuado em nosso país; tornar acessíveis os discursos especializados para o cidadão leigo; desvencilhar-se dos lobbies por parte de governos e empresas que constroem o processo de produção e divulgação da ciência; lidar com a ausência de espaço e tempo nos veículos brasileiros, com raras exceções; e compensar a ausência de formação específica nos cursos de jornalismo. Ainda assim, o jornalismo científico, na opinião dele, deve ter por objetivo formar, informar e promover a democratização do conhecimento da ciência. “Deve debater também políticas voltadas para este setor e denunciar abusos e equívocos nos investimentos em ciência, tecnologia e inovação”, afirma. Quando questionado sobre bons exemplos de publicações brasileiras dedicadas à cobertura do campo científico, Bueno cita três revistas: *Ciência Hoje*, *Pesquisa FAPESP* e *Scientific American Brasil*. Ainda que existam esses casos de produção de qualidade, lamenta: “Infelizmente, existe pouco estímulo à produção dessas publicações no Brasil”.

## PESQUISA FAPESP

Publicação de divulgação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a revista *Pesquisa Fapesp* circula em seu formato atual desde outubro de 1999. Antes disso, fora editada como um boletim por quatro anos. Da tiragem total de 39 mil exemplares, cerca de 25 mil são enviados gratuitamente a pesquisadores e bolsistas ligados ao órgão de fomento. Os 14 mil exemplares restantes são vendidos em bancas, enviados a assinantes pagos e a secretarias de estado, ministérios e algumas universidades estaduais e federais. De acordo com o editor-chefe, Neldson Marcolin, o objetivo da revista “é cobrir os projetos de pesquisa de ciência e tecnologia realizados no país”. O predomínio de pesquisas desenvolvidas no estado de origem da publicação deve-se, segundo o jornalista, a dois fatores: à farta produção científica do estado de São Paulo – aproximadamente 50% da produção nacional – e ao caráter institucional da publicação.

“Nosso principal público são pesquisadores, mas temos também leitores entre professores universitários e do ensino médio, estudantes, engenheiros, tecnólogos, médicos, gestores de ciência e tecnologia, e gente interessada em ciência em geral”, esclarece. O conteúdo está organizado em quatro editoriais – Política Científica e Tecnológica, Ciência, Tecnologia, e Humanidades – e as pautas para as reportagens são escolhidas por sua relevância, pelo interesse que possam despertar no público leitor, pelo tipo de modalidade apoiada pela Fapesp e pela exclusividade do assunto. Neldson diz que as principais fontes para as matérias são pesquisadores cujas pesquisas saem publicadas em boas revistas científicas. “Nós ficamos atentos às publicações e em contato com alguns desses pesquisadores. Muitas vezes eles é que nos procuram e fazem sugestões”, conta. Conforme o editor, todas as áreas da ciência são cobertas pela revista. “Nossa abordagem não difere da dos textos jornalísticos comuns, pois é preciso contar uma história que faça sentido. Este é o desafio: fazer corretamente a tradução para o leitor leigo”, explica.

## SCIENTIFIC AMERICAN

Versão nacional da revista estadunidense homônima, a *Scientific American* completa, no próximo mês de junho, dez anos de circulação no Brasil. A atual tiragem da publicação é de 35 mil exemplares, vendidos em banca e entregues a assinantes em todo o país. O editor da revista, Ulisses Capazzoli, conta que inicialmente a revista era maior e o espaço dedicado aos textos também. Antes, eram 100 páginas e textos que podiam chegar a 10; agora, são 84 páginas e as matérias não passam de oito. “O objetivo dessas adaptações foi absorver a crise financeira”, justifica. Além disso, ele credita a opção pela redução dos textos à menor disposição do público para a leitura a partir do surgimento das redes sociais. Ainda assim, o jornalista diz que a *Scientific American* abriga um volume considerável de informação. “Nosso objetivo é trabalhar com questões de fronteira em ciência e, ao pegar um assunto de alta complexidade, transformá-lo em um texto compreensível para o grande público. É o que chamamos de inteligibilidade possível”, explica.

Alguns dos textos publicados são versões de matérias feitas originalmente para a edição que circula nos EUA, mas o editor enfatiza que os artigos cujos temas não são de interesse para brasileiros são substituídos por textos de autores nacionais. Dessa forma, procuram tanto dar espaço para a produção nacional quanto fazer chegar aqui a produção internacional. Pesquisadores científicos são os que mais escrevem para a revista, que também recebe colaborações de jornalistas. “Não temos nenhuma resistência em relação a eles, principalmente aos que trabalham com ciência”, esclarece Ulisses. A *Scientific American* pretende ser, conforme o responsável pela sua edição, quase uma revista científica. “Nosso projeto editorial e gráfico é articulado para o público que está dentro das universidades, e também engenheiros, médicos, advogados, enfim, um público exigente”, justifica. Quando questionado sobre os temas que servem de pauta para artigos e reportagens, o jornalista sintetiza: “Questões com impacto social, econômico e científico, enfim, o que o cidadão precisa conhecer sobre o mundo em que vive”.



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO



## Produção de conhecimento

A produção científica é um processo que poderia ser dividido, em sua forma mais usual, em diversas etapas: inicia com a escolha do tema pelo pesquisador, a elaboração de um projeto e a submissão a alguma agência de fomento. Já em seu nascedouro, o projeto vai ser avaliado por especialistas da área de conhecimento correspondente e, se aprovado, será levado adiante. Depois de chancelado, o projeto é conduzido e, à medida que os resultados vão sendo obtidos, são apresentados à comunidade científica para avaliação, principalmente em congressos e outros eventos que contam com comitês de pesquisadores para selecionar os trabalhos a serem ali apresentados. O mesmo

ocorre com os periódicos científicos – revistas, jornais e sites que trazem somente artigos acadêmicos –, mas, neste caso, ressalta a pesquisadora Ida Stumpf, para pesquisas já mais avançadas. “Há um momento em que se faz necessário parar e publicar resultados quando uma parte do trabalho está madura”, explica. Ainda que a pesquisa tenha continuidade ou que o pesquisador escolha outro tema relacionado ao já terminado, faz-se necessário levar a público essas descobertas, seja para estabelecer relações entre os cientistas, seja para o conhecimento da sociedade como um todo. E é precisamente nessa última fase que a divulgação científica vai ter um papel determinante.

Na página oposta e nas imagens ao lado, bolsistas trabalham na preparação de réplicas de fósseis pertencentes ao acervo da UFRGS que integram kits distribuídos às escolas de ensino fundamental e médio



# Conhecimento colocado à prova

**Voluntariado**  
**Enfermeiro**  
**formado na**  
**UFRGS participa**  
**de missão de ajuda**  
**às vítimas do**  
**terremoto no Haiti**

Jacira Cabral da Silveira

Cléber Verona é enfermeiro e atualmente faz mestrado em Biologia Celular e Molecular na UFRGS. Nos últimos anos, tem desafiado os conhecimentos adquiridos na academia em ações voluntárias no Haiti pós-terremoto (2010) e nas enchentes que atingiram o estado de Alagoas (junho 2011) e o município gaúcho de São Lourenço do Sul (março 2011). Em sua avaliação, a realidade ideal que norteia a formação universitária é importante para que o profissional mantenha em mente como deve ser uma estrutura de saúde e saiba reconhecer quando isso não ocorre. Por outro lado, afirma que faltam em sala de aula profissionais que também trabalhem na ponta da assistência.

Mas foi justamente a soma desses dois fatores, o aspecto técnico de formação e o da prática dentro do sistema de saúde nacional, o diferencial da delegação brasileira de saúde na missão internacional de ajuda ao Haiti em 2010. A antiga colônia francesa na América Central enfrentara, no dia 12 de janeiro daquele ano, um devastador terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter que destruiu cerca de 50% das construções de Porto Príncipe, capital haitiana. Calcula-se que 1,5 milhão de haitianos ficaram desabrigados, 250 mil feridos e mais de 200 mil mortos. Após uma semana de caos, desembarcava no Haiti, entre outras, a missão brasileira com 38 profissionais da saúde (12 civis e 26 militares), entre médicos, enfermeiros e técnicos em enfermagem.

**Cenário de guerra** – “Os pacientes agudos já haviam sido amputados ou tinham morrido”, conta Cléber. Não que isso fosse menos problemático, acrescenta, pois muitas das operações realizadas imediatamente após o terremoto precisaram ser refeitas devido às péssimas condições em que haviam sido efetuadas. “Pegamos o rescaldo”, diz o brasileiro, que viajou com outros três enfermeiros egressos da UFRGS: Gabriel Messerschmidt, Sue Ellen



À situação caótica de Porto Príncipe, cuja população já vivia em condições precárias, somou-se o drama dos cerca de 1,5 milhão de desabrigados

Barreto e Thiago dos Santos. Ele explica que, depois do primeiro atendimento, as amputações infeccionavam porque as pessoas não tinham condições ideais de higiene em suas casas [no que havia sobrado delas] ou porque não havia medicamento suficiente para todos. “Fomos obrigados a refazer amputações”, lamenta. E a amputação que antes tinha sido feita na altura da perna agora precisava atingir a altura da coxa.

O grande número de fotos dos 32 dias no Haiti tiradas por Cléber e outros membros da delegação brasileira de saúde são um registro contundente da desolação da cidade de Porto Príncipe. Caos que se intensifica quando se percebe que a população haitiana já vivia em condições de extrema precariedade sob todos os aspectos. “É uma doença social”, define Cléber. “Quem vai ao Haiti hoje sente que pode voltar daqui a 50 anos e encontrar a mesma situação”, garante. Isso porque não há emprego e a sociedade é desorganizada, sem contar que muitas pessoas não têm sequer registro de nascimento, tampouco car-

teira de identidade. “Não são cidadãos do mundo, não existem”, conclui. Por outro lado, Cléber diz que é justamente essa rudeza de vida que os faz tão fortes: “Os fracos morrem”, comenta sobre o inevitável.

**Malabarismo** – Nessa situação de extrema precariedade social, os brasileiros revelaram-se malabaristas comparados aos italianos, franceses e americanos: “A vivência de caos que temos na saúde do Brasil facilita o atendimento numa situação caótica. A gente sabia o que fazer, e eles [europeus e americanos] não”. Cléber justifica e ilustra: “Os médicos brasileiros que trabalham no Rio de Janeiro são os melhores cirurgiões para lidar com acidentes com faca e armas de fogo”. Segundo o enfermeiro, a violência urbana serve para que o profissional da saúde saiba atuar numa “situação de guerra”, compara.

Segundo a assessora de comunicação social do Grupo Hospitalar Conceição, Andréa Araújo, a Emergência do Hospital Cristo Redentor, unidade hospitalar

do grupo especializada em trauma que é referência no atendimento de pessoas acidentadas, realizou 198.375 atendimentos de janeiro de 2010 a fevereiro de 2012. Desses, 344 foram por ferimento de arma branca e 864 por ferimento de arma de fogo. Somados esses casos, tivemos nos últimos dois anos 48 atentados à vida humana por mês. Cléber faz parte do GHC e tem contato com enfermeiros de outras unidades do SUS no resto do Brasil, e a constatação é a mesma, especialmente aqueles que trabalham nas emergências, sem contar os casos de acidentes automobilísticos.

Falando sobre essas condições difíceis e, por vezes, precárias de trabalho, Cléber lembrou da missão no Haiti em que os voluntários italianos (médicos, enfermeiros e técnicos em enfermagem) não sabiam resolver problemas recorrentes, como a falta ou avaria de equipamentos. Na avaliação dele, a explicação para tal despreparo apoiava-se em dois aspectos: melhor e mais bem equipada estrutura hospitalar. “Se eles não têm um equipamento, nem

começam o procedimento. Por outro lado, não estão acostumados a lidar com doenças tropicais ou mesmo com casos de desnutrição. São coisas que eles não vivenciam. Na Europa não tem gente com verminose ou casos de desnutrição infantil”, argumenta.

“A gente não deixa de ter um mini-Haiti na emergência do [Hospital] Conceição”, compara Cléber. Mas assegura que todas as pessoas são bem atendidas e não fica ninguém de fora. Entretanto, isso faz com que o Hospital, que atende às classes sociais D e E, esteja com seus leitos sempre lotados. “Alguém tem que receber aqueles que ninguém quer atender”, reforça. Tal realidade resulta num treinamento extra para os profissionais de saúde do Conceição e de outras emergências de hospitais brasileiros, devido à rotina de situações muitas vezes difíceis de serem contornadas, semelhantes àquelas que Cléber experimentou no Haiti. “Mas isso não é um problema do [Hospital] Conceição, é um problema de política pública de saúde”, adverte.



“A vivência de caos que temos na saúde do Brasil facilita o atendimento numa situação caótica. A gente sabia o que fazer.”

**Cléber Verona**,  
sobre a experiência de  
socorro aos haitianos

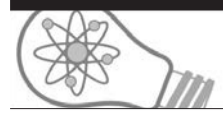
## Em território nacional

Apareçam ou não nos telejornais, porque vai depender da dimensão, da proximidade dos fatos ou até mesmo do interesse editorial dos veículos de comunicação, são frequentes as ocorrências climáticas que deixam vítimas nos mais diferentes rincões brasileiros. Mas, independentemente da cobertura, tais fenômenos acabam sempre chegando aos ouvidos da equipe de saúde do Hospital Conceição de Porto Alegre. Isso porque, além dos centros de saúde do Samu, o Conceição é a única unidade hospitalar no Brasil que tem ligação direta com o Ministério da Saúde, requisitando voluntários para atender em casos de cheias, enchentes, terremotos, etc.

Em 2011, por exemplo, Cléber Verona, enfermeiro da UTI do Hospital e já com experiência no atendimento aos atingidos pelo terremoto no Haiti em 2010, participou como voluntário em duas ocorrências no Brasil. A primeira foi em março, quando a cidade gaúcha de São Lourenço do Sul ficou debaixo d'água, deixando 20 mil desabrigados. Com a cheia do arroio São Lourenço, os moradores tiveram que se refugiar em telhados, aguardando socorro. “Ficamos

lá por sete dias, mas o trabalho foi tranquilo, porque o sistema em São Lourenço é mais organizado e o nível cultural das pessoas é bom.”

Segundo o enfermeiro, quando as pessoas não sabem ler ou têm dificuldades econômicas, fica mais difícil repassar as recomendações dos cuidados pós-tratamento e mesmo prestar assistência mais imediata. Foi o que aconteceu durante a missão em Alagoas, no final do mês de junho de 2011, quando ele e mais 21 profissionais de saúde integraram a equipe enviada pelo Conceição ao estado nordestino. Com a cheia dos rios Mundaú e Paraíba, quatro municípios alagoanos decretaram calamidade pública, por conta das quase 20 mil casas danificadas, do grande número de desabrigados e dos 37 óbitos. De acordo com Cléber, como o estado de Alagoas já se caracteriza por índices baixos de qualidade de vida, em situações de calamidade pública o problema fica ainda maior, dificultando o trabalho com as populações envolvidas. “Alagoas tem o menor Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, o que o equipara ao Haiti, que tem o menor IDH da América”, compara.



# Gripe aumenta incidência de complicações cardíacas

**Saúde** Estudo de pesquisadora da UFRGS mostra relação entre o vírus influenza e o crescimento dos problemas cardíacos e aponta a facilidade de deslocamento das populações como um risco para a ocorrência de novos surtos

Samantha Klein

A indicação para acabar com espirros, febre e mal-estar, principais sintomas da gripe, é repouso, paciência e alguns comprimidos de antitérmicos. No entanto, os problemas decorrentes desse mal comum nos meses de frio podem ser bem mais sérios. Isso porque estudos mostram uma associação entre o vírus influenza e o agravamento das doenças cardíacas.

A pandemia de gripe A que começou no México e se espalhou pelo mundo afora em 2009 alertou para a relação entre a influenza e o número de pacientes internados com problemas no coração. Estudos na UFRGS comprovam essa tese. Professora do departamento de Medicina Social, Maria Inês Azambuja observou que, durante a pandemia de gripe A de 1968, pacientes com 60 anos ou mais, ou seja, que passaram por surtos anteriores de gripe, reagiram bem à doença. Por outro lado, pessoas com problemas cardíacos morreram nesse período em que a tendência era de redução do número de mortes relacionadas a problemas do coração.

É nesse contexto que, na década de 80, a médica recém-formada tinha uma pergunta ambiciosa: 'o que explicava a redução da mortalidade por cardiopatia no final dos anos 60?'. O paradigma vigente dizia que as pessoas morriam por doenças do coração devido ao estilo de vida, em que faltavam exercícios e havia alto consumo de alimentos gordurosos e fumo. No entanto, nos países desenvolvidos, em especial, houve queda do número de óbitos em decorrência de complicações cardíacas sem mudança expressiva dos hábitos dos estadunidenses, por exemplo. Outra explicação para a redução do índice de mortes foi a intervenção terapêutica nos hospitais. Mas a pesquisadora discorda do argumento. "Quem estuda saúde pública sabe que essas explicações com base na assistência nunca são suficientes porque não atingem a totalidade da população", conta a professora que trabalhou na Secretaria Estadual da Saúde.

Foi nesse período que Azambuja dedicou-se a estudar a epidemia da gripe espanhola, ocorrida logo após a I Guerra Mundial, e começou a fazer possíveis associações com o surto de gripe que somente em Porto Alegre matou quase 2% da população. "Naquele momento, acreditava-se que as infecções tinham sido superadas. A era das doenças infecciosas havia acabado!, essa era a crença na década de 1970", lembra Azambuja.

**Outro viés da infecção** – Dessa forma, a tese da pesquisadora vai ao encontro de um estudo formulado por médicos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Partindo de informações de duas décadas do banco de dados do SUS, que abrange 194 mil internações por insuficiência cardíaca em hospitais públicos paulistas, o levantamento da Unifesp mostrou que há um aumento de 20% nas complicações durante o inverno. Nesses casos, todas as variações de gripe estão incluídas.

Com a pesquisa, observou-se que uma infecção pelo vírus aumenta em cinco vezes a chance da ocorrência de um infarto naqueles enfermos que já têm a doença coronariana. "O cardíaco naturalmente tem falta de ar, mas, se além disso pegar uma pneumonia, vai respirar muito menos, o que consequentemente pode levar ao infarto", ressalta a infectologista e coordenadora do setor de viroses da Unifesp, Nancy Bellei.

O cardiologista Henrique Godoy, um dos coordenadores do estudo,

explica que os pacientes cardíacos não são necessariamente mais suscetíveis à gripe, mas sim aos seus efeitos. "O que acontece é que o risco de desenvolver complicações é maior nessa população. A gripe não causa um ataque cardíaco em qualquer pessoa, mas nos cardiopatas a incidência das complicações se mostrou muito mais elevada", explica o médico.

Godoy afirma ainda que, entre as reações em razão da gripe, estão o acúmulo de fluidos no corpo, o que favorece uma infecção generalizada.

O vírus ainda pode causar a ruptura do endotélio, que é o revestimento dos vasos sanguíneos, o que acelera o acúmulo de placas de colesterol e coágulos.

Por isso, entre os médicos, a concordância relativa à aplicação da vacinação contra a gripe é quase unânime. O ideal é que todos os pacientes com doenças coronárias estejam imunizados, mesmo porque a dose é gratuita para os portadores de uma série de enfermidades, entre elas as cardiopatias crônicas. Assim, caso o doente não tenha sido vacinado, o primeiro procedimento dos cardiologistas é a aplicação de antivirais para tentar evitar complicações.

**Nova epidemia não é descartada**

– Apesar de o vírus H1N1 estar controlado e de ter sido incorporado à vacina, um novo surto de gripe A não é descartado. "É importante frisar que a vacina é trivalente: abrange os dois tipos de influenza A, o H1N1 e o H3N2, além da proteção contra o vírus influenza B. Como este último circula menos no ambiente, tem menor poder de mutação e, consequentemente, menor poder de infectividade", lembra a especialista em saúde Leticia Garya Martins, do Núcleo de Vigilância de Doenças Transmissíveis da Secretaria Estadual da Saúde.

Por outro lado, a pesquisadora Maria Inês Azambuja contesta o alarde em torno da vacinação. "Não tenho certeza se é verdade que a vacina reduziu a mortalidade, como foi divulgado. Além de mim, alguns autores americanos também contestam a medida. A indústria defende isso, mas não tenho tanta certeza da efetividade", argumenta.

Além disso, como nem toda a população está vacinada, a facilidade de movimentação das populações em torno do globo pode favorecer uma retransmissão na hipótese de ocorrência de nova epidemia. "Muita gente está suscetível, o que poderia ocasionar surtos localizados. Outro ponto é que vivemos em um mundo globalizado. Qualquer pessoa pode ir de um ponto a outro do planeta em 24 horas", acrescenta o epidemiologista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Jair Ferreira.

No entanto, ele concorda que, apesar de oferecer proteção somente contra três diferentes cepas da influenza e de a capacidade de mutação do agente ser alta, a vacina é a alternativa viável no momento – opinião compartilhada pelo cardiologista da Unifesp. "A vacina é segura e eficaz e não há controvérsia. Mas o vírus é muito mutante, e novas epidemias, como a de 2009, vão ocorrer sempre", sentencia Godoy.



## Vacinação e "etiqueta respiratória" previnem contágio

Estudos que relacionam a gripe, o clima e as doenças do coração vêm sendo realizados há mais tempo. A Sociedade Americana de Cardiologia foi uma das primeiras instituições a recomendar a vacina. No Brasil, a imunização vem sendo aplicada desde 1999 e tem como meta atingir pelo menos 80% do público-alvo, que compreende crianças entre 6 meses e dois anos, gestantes, idosos, indígenas, doentes crônicos (a lista sugerida pelo Ministério da Saúde inclui as cardiopatias) e profissionais da saúde.

A campanha ocorre até o final do mês e, mais

uma vez, o Ministério não antecipou a vacinação nos estados do Sul, onde o frio chega mais cedo. Independentemente do número reduzido de casos de gripe A registrados – até março deste ano foram 19 notificações e somente uma confirmação no RS em comparação com 2009, quando foram registrados mais 8 mil casos, 3.835 confirmações e 298 óbitos –, a "etiqueta respiratória" ajuda a prevenir o contágio com qualquer tipo gripal, alerta a enfermeira Leticia Garya Martins. "É uma questão de lavar as mãos, tentar não tossir ou respirar nelas, e utilizar lenços para evitar a contaminação

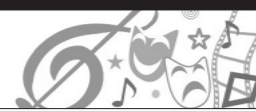
dos ambientes com secreção", recordando que é comum a transmissão de germes em locais como transportes coletivos, elevadores e outros ambientes fechados.

A gripe A ou suína é causada pelo vírus influenza A H1N1, que normalmente afeta os suínos. Devido a mutações, o H1N1 conseguiu atingir os humanos no surto de 2009. Mas outras epidemias aconteceram em períodos como 1918-1919 (a chamada Gripe Espanhola) e 1968.

A forma mais comum de contaminação ocorre quando as pessoas lidam diretamente com os

porcos (comer a carne não representa riscos à saúde) ou entram em contato com indivíduos doentes. A gripe é transmissível pelo ar e seus os sintomas são febre alta, dor de cabeça, letargia, dores musculares e nas articulações, falta de apetite, tosse e coriza.

As drogas oseltamivir e zanamivir mostraram eficácia no tratamento da enfermidade. Já a prevenção é realizada por meio da vacina, cuja dose deve ser reaplicada anualmente e garante proteção contra três cepas do vírus. No momento, é a medida mais eficaz da medicina preventiva.



O show de Lia e seu grupo marcou o lançamento do projeto Maré de Arte

# Ciranda para dançar

**Lia de Itamaracá**  
*A mais famosa cirandeira do Brasil trouxe a Tramandaí um pouco do tradicional ritmo da ilha onde nasceu e se criou*

Everton Cardoso

Quando se menciona o nome daquela que é a mais conhecida cirandeira do país, alguém cantarola a frase de uma canção muito popular da cantora pernambucana: “Essa ciranda quem me deu foi Lia, que mora na lha de Itamaracá”. Batizada Maria Madalena Corrêa do Nascimento, adotou como nome artístico Lia da Ciranda, mas acabou conhecida pelo nome do lugar onde nasceu. Essa associação entre pessoa e lugar, no caso de Lia de Itamaracá, não é à toa: em qualquer conversa, as declarações de amor por sua terra natal e pelas tradições de lá pontuam suas falas. Alta, com cabelo trançado à moda afro e com um sorriso largo, ela é capaz de contagiar qualquer um com sua alegria, seja porque cantou um verso de alguma ciranda, seja porque agregou à conversa alguma de suas máximas ou ditados.

**Ciranda em roda** – Para entender como se dança uma ciranda, melhor que escutar Lia de Itamaracá falar sobre o assunto é ouvi-la cantar a composição do pernambucano Capiba chamada *Minha ciranda*: “Pra se dançar ciranda/ Juntamos mão com mão/ Formando uma roda/ Cantando uma canção”. Ainda é assim, em roda, que se baila o ritmo, ao som de surdo, tarol, ganzá, pistom, saxofone, trombone e do canto. “Se dança acompanhando a onda do mar”, explica a cantora em tom quase professoral. E acrescenta: “Dança criança, adulto, quem usa muletas... Até o cego se mexe quando ouve”. Há muito, Lia canta: “Essa ciranda não é minha só/ Ela é de todos nós”. E faz

questão de deixar claro que, em sua terra, quem dança ciranda o faz “na maior harmonia e divertimento”.

Se no sul do Brasil a ciranda é uma brincadeira de crianças – “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar”, como nos ensina o cancionista local –, em Pernambuco é um ritmo ainda vivo e que permite a criação de composições com melodias e letras bastante variadas, ao som das quais, depois, o povo se diverte em festas populares. A semelhança entre a ciranda de lá e a ciranda de cá não passa do nome, até porque lá se brinca ciranda, ou seja, se dança; aqui, se brinca “de” ciranda, ou seja, é uma brincadeira infantil com melodia e letra que se repetem sem se modificar. Quem é que, por aqui, nunca deu “meia-volta, volta-e-meia vamos dar” ou cantou sobre o “anel que tu me deste”? Em Itamaracá, ciranda é sinônimo de diversão sem fim: “As pessoas brincam até a hora em que o cantor deixa de cantar e enquanto as pernas aguentarem!”, diverte-se Lia. Primeiro, se dá um passo à direita com o pé direito; logo, um passo com o pé esquerdo cruzando pela frente; mais um com o pé direito; e, a seguir, outro com o esquerdo, mas agora passando por detrás. As mãos acompanham os movimentos do pé esquerdo: erguem-se quando o passo é pela frente, abaixam-se quando é por trás. Por aí vai a “legítima ciranda de beira de praia”, como enfatiza a artista.

**Eu sou Lia** – Foi aos doze anos que Lia de Itamaracá começou a cantar cirandas. “Na minha família ninguém canta, ninguém dança, ninguém sabe nem pra onde vai!”, conta. Quando a mãe da cantora foi trabalhar como doméstica em uma casa, levou Lia e seus cinco irmãos para serem criados pela família. Isso aconteceu quando Lia tinha dez anos de idade. Depois de mais de 20 anos animando rodas de ciranda, a itamaracaense gravou seu primeiro disco em 1977. Foi o LP *Lia de Itamaracá, a rainha da ciranda*, que trazia vinte composições do ritmo pernambucano e uma entrevista com a intérprete. Nessa época, ela trabalhava num restaurante, onde cozinhava de segunda a sexta e, nos fins de semana, cantava ciranda. Depois disso, foi merendeira em uma escola estadual na praia do Jaguaribe,

em Itamaracá, e também trabalhou com turismo, apresentando suas músicas. A retomada de sua carreira artística só ocorreu em 2000, quando gravou seu primeiro CD, *Eu sou Lia*. O álbum com 25 composições deve-se, de acordo com Lia, à redescoberta de seu trabalho pelo produtor Beto Hess. “Meu sonho foi realizado, graças a Deus! E eu estou na estrada graças a Beto!”, conta.

Até esse recomeço, a cantora não recebia forma alguma de apoio. “Itamaracá não investe na cultura local e ela está se perdendo”, reclama, desafiando uma lista de manifestações folclóricas que podem ser esquecidas: coco de roda, pastoril, frevo, maracatu, entre outras. “Só querem eventos de fora”, adiciona. “Quem chega à ilha vai atrás de Lia!”, exclama para mostrar o quanto ela mesma é um atrativo para turistas. “Eu sou Lia da beira do mar/ Morena queimada do sal e do sol/ Da Ilha de Itamaracá”, gravou na composição que dá título ao seu segundo disco e que mostra mais uma vez a identificação de seu nome com o lugar em que nasceu. O próximo e mais recente álbum, *Ciranda de ritmos*, de 2008, traz composições de diversos ritmos típicos de Pernambuco, além de cirandas, claro.

**Ritmo das ondas** – Itamaracá é um lugar tranquilo onde a vida parece andar no ritmo da ciranda. “Pra quem tem o seu emprego, é bom. Quem não tem, vai viver de pescaria, de tirar coco”, conta Lia. Quando fala do povo do lugar, é eufórica e o define como “uma comunidade humilde, bacana, respeitadora”. Na

pacata ilha cuja população é de pouco mais de 22 mil habitantes, a rotina da cirandeira é tranquila. Não haveria de ser diferente, já que ela consegue ver a praia da porta de sua casa – onde mora há 33 anos com o companheiro José Antônio, que também é parte de seu grupo musical. “Quando anoitece, peço a Deus pra viver mais um dia. Então, faço café, tomo e vou dormir.” E segue contando: “Amanhece e continua do mesmo jeito: boto feijão no fogo, tiro feijão do fogo...”, ao que acrescenta uma sequência de sons e gestos que exprimem a continuidade da vida sem muitos sobressaltos.

Em Itamaracá, os frutos do mar caracterizam a culinária local. “Faço uma peixada boa demais!”, revela Lia de Itamaracá. Mas se no prato principal a cantora capricha e acerta a mão, o mesmo não acontece com as sobremesas: “Quando faço um doce, queimo ou boto açúcar demais!”. A rotina é quebrada pelas viagens que faz para apresentar suas cirandas pelo Brasil e pelo mundo. “É bom sair de Itamaracá, mas indo e voltando. Onde eu moro é que me inspiro, é minha praia”, enfatiza. Atualmente, a cirandeira mantém um espaço cultural chamado Estrela de Lia, que oferece oficinas e cursos. Lá também há apresentações da artista, e o local constuma ser cedido para que a população local realize suas festas. Lia de Itamaracá brinca ciranda todos os sábados e, segundo ela, as pessoas dançam animadamente. “Elas vão só com as perninhas”, conta enquanto reproduz com os dedos os passos da ciranda. “Não estão nem aí”

## Maré de Arte

A chegada da UFRGS ao Litoral Norte do estado acontece muito antes da abertura de cursos e mesmo da inauguração do câmpus em Tramandaí. Entre 29 de julho e 5 de agosto, um conjunto de atividades organizadas pelo Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão vai levar à cidade um pouco da movimentação da Universidade. O espetáculo de Lia de Itamaracá na cidade litorânea, no dia 13 de abril, marcou o lançamento dessa programação, intitulada Maré de Arte. Durante o evento, daqui a três meses, serão oferecidas oficinas de construção de câmeras fotográficas com caixas de papelão, de iniciação teatral, de artesanato, de improvisação

musical, de danças tradicionais gaúchas, de brincadeiras infantis, de língua italiana, história afro-brasileira entre outras. Além disso, haverá uma sequência de palestras coordenadas pelo Ceclimar-UFRGS sobre temas relacionados ao mar e à costa gaúcha. A abertura do Maré de Arte será marcada pela apresentação do espetáculo *Exotique*, do Grupo Tholl, e o encerramento, por um concerto da Orquestra Popular da Universidade. Haverá ainda espetáculos teatrais e sessões para exibição de clássicos do cinema, como *Tempos Modernos* e *Casablanca*. Mais informações podem ser obtidas pelo site [www.difusaoocultura.ufrgs.br](http://www.difusaoocultura.ufrgs.br) e pelo telefone (51) 3308.3034.

## JU indica

### Eu sou você

Tania Mara Galli Fonseca e Blanca Brites (orgs.)  
Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2012,  
256 páginas  
R\$ 50 (preço médio)



Este livro-catálogo, lançado em 25 de abril, é resultado do trabalho da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro

(HPSP), fruto das atividades de pesquisa e extensão de professores e alunos dos Institutos de Psicologia e de Artes da UFRGS. A exposição *Eu sou você*, realizada em 2010, foi a primeira mostra do Museu da Universidade organizada fora do âmbito do câmpus universitário. A obra apresenta ensaios elaborados por psicólogos, psicanalistas, artistas e historiadores, abordando a produção artística de Natalia Leite, Luiz Guides, Cenilda Ribeiro e Frontino Vieira, os dois últimos já falecidos, moradores do HPSP. Ao apresentar obras de artistas-loucos, considera a arte como um terreno aberto para outras possibilidades existenciais. Os trabalhos selecionados representam um pequeno recorte no âmbito do acervo da Oficina de Criatividade do Hospital, que dispõe de cerca de cem mil obras em processo de ordenamento e catalogação. Luiz Guides nasceu em Rio Grande, em 1922, e foi internado pela primeira vez em 1950. Suas pinturas, na análise do professor Edson Luiz de Sousa, são como mapas em movimento: “Fixa pontos para indicar nosso fora de lugar, inscreve sequências numéricas para nos deixar nas reticências de um antes e de um depois da série”. Seu trabalho ultrapassou os muros do São Pedro, através de exposições pela cidade. Guides faleceu em 2010, logo após a realização da exposição *Eu sou você*. Nascida em Soledade em 1952, Cenilda Ribeiro chegou ao Hospital São Pedro no fim dos anos 1960. Com dificuldades para se expressar, desenhava e pintava como se perseguisse um ideal em sua obra. Na interpretação das psicólogas Tânia Fonseca, Sara Hartmann e Gabriela Costa, “seus desenhos e escritas podem ser vistos como a transformação da experiência vivida em algo inteiramente exterior. [...] Eles nos revelam a pureza de seu universo, que só podemos vislumbrar através de suas obras”. Frontino Vieira nasceu em 1914 no município de São Jerônimo. Seu ingresso no São Pedro ocorreu em 1938, onde permaneceu até sua morte, em 1993. Sua obra possui singular intensidade de formas e cores, distribuídas entre pinturas, desenhos e alguns escritos. Para a psicóloga Andréa Zanella, o trabalho deste artista traz “inclassificáveis registros de movimentos e traços que se apresentam ao leitor como vestígios a ocultar e anunciar possibilidades de vidas quicá vividas ou pretendidas”. Por último, o livro apresenta o trabalho de Natalia Leite, gaúcha de Santo Ângelo que teve sua primeira internação em 1956. Ainda hoje vivendo no São Pedro, ela produz desenhos e bordados em cores que transbordam com força a limitação da vida internada. Seguindo o psiquiatra Gley Costa, um dos desenhos de Natalia que ilustram o texto, “parece configurar seu aprisionamento ao trauma, como se sua vida não tivesse nem passado nem futuro, apenas um presente que se mantém representado pela casa em que viveu na infância, cujas frestas lhe permitem ver, solitariamente, os animais, os pássaros, as flores, o sol e as estrelas que reproduz em seus trabalhos”. Natalia refugiara-se no Hospital São Pedro aos 13 anos para se proteger de um pai alcoolista que lhe batia muito. Conforme atestam as organizadoras da obra, “da experiência criativa de pacientes situados no campo da loucura também aprendemos sobre uma estética e uma ética do viver que não existirá a não ser pelo que fizemos acontecer”. (Ânia Chala)



# Vertigem e reconstrução

**Arthur Bispo do Rosário**

*Obra do esquizofrênico reconhecido como artista trouxe à tona o debate sobre arte e doenças mentais*

Everton Cardoso

“Você é o Cristo?”, perguntou um transeunte. “Não, eu sou o filho do Cristo”, respondeu prontamente Arthur Bispo do Rosário. Logo depois, ele foi encaminhado a um hospital psiquiátrico onde o diagnosticaram esquizofrênico e paranoico. Assim, o documentário produzido por Fernando Gabeira nos anos 1980 resume o episódio que levou o ex-marineiro sergipano à internação, o que teria acontecido em 22 de dezembro de 1928. Depois de um período no Hospital dos Alienados, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, foi levado para a Colônia Juliano Moreira, no bairro de Jacarepaguá. Por duas décadas, alternou períodos de internação com saídas para executar pequenos serviços em residências e chegou a viver fora do lugar. No início dos anos 1960, retornou e viveu sem sair de lá até sua morte, em 1989. E foi precisamente um delírio místico o que o fez regressar. Segundo ele, “a voz” que lhe falava – típico sintoma de esquizofrenia – ordenou: “Jesus Filho, tranque-se num quarto e comece a reconstruir o mundo”. Ele, então, chamou um amigo, pediu que o trancasse e não mais saiu, até que a voz lhe ordenou que o fizesse alguns anos depois. Encerrado, Bispo do Rosário começou a recriar em miniatura e com as próprias mãos tudo o que conheceu e tudo do que lembrava. No começo, desfiava as peças do uniforme azul da colônia mental e, com esses fios, começou a cumprir sua missão.

No conjunto de sua obra, que inclui cerca de mil estandartes, roupas, painéis e outros objetos hoje pertencentes ao acervo do museu que leva seu nome, destaca-se o manto que ele confeccionou para ser a sua mortalha e com o qual ele se apresentaria diante de Deus para o Juízo Final. Na parte externa, sobre um tecido de lã, Bispo bordou um globo terrestre, bandeiras usadas em navios, uma mesa de bilhar, uma gangorra, a frase “em meu nome” e uma série de outros símbolos. Completam o conjunto cordões torcidos de diversas cores, alguns deles com borlas nas pontas. No lado avesso, que ficaria junto ao corpo do portador do manto, bordados em azul sobre tecido de algodão estão enfileirados nomes. Por essas pessoas, Bispo deveria interceder no momento do julgamento após a morte.

**O valor da arte** – Um grupo de 39 alunos da disciplina Psicopatologia e Cultura, ministrada pelo professor Edson Luiz de Sousa, do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da UFRGS, foi ao Santander Cultural no dia 30 de março para conhecer ao vivo a obra do artista. Entre as coisas que mais chamaram a atenção dos estudantes está o fato de que, ao contrário do que desejara Arthur Bispo do Rosário, ele não foi enterado com a mortalha que bordara para si. “Desvalorizaram o que ele foi em vida, como se a arte valesse mais que qualquer pessoa”, critica a estudante de Psicologia Irimara Peixoto, ao que vários de seus colegas fazem coro. “Preferiram pensar no bispo como artista e não como um simples homem. Compreendo as razões que levaram a preservar a roupa, afinal, essa obra é responsável por manter viva a admiração do público. Não

seria a mesma coisa vê-la por fotos”, relativiza Camilla Zachello.

Marcantes são também os objetos que Bispo revestiu com o fio azul do uniforme desfiado. São miniaturas de objetos banais, como uma tesoura, um pandeiro ou um regador, ou de outros menos cotidianos, como um alvo, um rolo compressor ou um treinador de dedos para lutadores. “Na maioria das suas representações, Bispo escreve o nome do objeto e também descreve a função, mostrando preocupação com os que ficarão após o juízo final”, destaca Fabio Coser ao relatar suas impressões. Para o estudante de Psicologia, a obra do doente mental é “um grande manual de instruções para o futuro”. Para Sthefan Krinski, o trabalho de Bispo do Rosário o fez entender outro mundo, o do doente mental, por meio de uma síntese da mente de um esquizofrênico traduzido em bordado. “Ele consegue manter um senso de ordem incrível”, admira-se. E completa com a análise de um dos estandartes expostos no Santander Cultural: “Essa ordem fica muito evidente ao ver inúmeros países dispostos de forma aleatória e caprichosa, assim como nos vários catálogos com nomes de funcionários do sanatório ou até de pessoas desaparecidas”.

**Mundo preservado** – Outra obra que serviu para que os alunos pensassem sobre a condição de Bispo do Rosário como doente mental e como artista, e também sobre a psicologia e a psiquiatria de um modo geral, foi uma caixinha de madeira de 11 X 50cm preenchida com cimento e cacos de vidro no topo – à moda dos muros das casas que usam esse recurso – e que tem a inscrição “434 – como é que eu devo fazer um muro no fundo da minha casa”. Para Jéssica Tag, esse objeto poderia ser o resultado da lembrança de algum muro com o qual o artista tivesse tido contato. O da Colônia onde vivia, por exemplo. “Outra possibilidade seria a de que servisse como proteção a suas obras”, infere. Essa ideia de proteção é compartilhada por Gabriel Engelman: “Preciso me proteger do mundo externo ao ponto de, na tentativa de transpassar o ‘cercado’, inevitavelmente uma das partes sair machucada?”. Já Camilla Zachello vê aí uma tradução das limitações enfrentadas por Bispo do Rosário.

Na avaliação de Paula Martins, a causa do artista sergipano – preservar tudo o que pudesse do mundo como o conhecemos – era bastante nobre. “Bispo do Rosário passou anos trabalhando, visando à preservação do que toda uma sociedade criou, carregando sozinho o fardo de toda uma civilização”, pondera. Maria Eduarda Bonfante, ao refletir sobre essa reconstrução do mundo, percebe aí objetos e nuances que passariam despercebidos no cotidiano. “As obras são sofisticadas, cheias de bordados e detalhes e, ao mesmo tempo, simples”, pontua. E exclama: “Bispo realmente construiu um novo mundo!”. A compreensão de como um paciente age e pensa é, para Simiana da Silva, o que de mais importante a obra oferece aos estudantes de Psicologia. “Vamos manter contato com distintas formas de pensar dos indivíduos. É por isso que devemos apoiar esses raciocínios que são coerentes na visão e na perspectiva dele”, explica.



Entre as obras que foram expostas no Santander Cultural, os estandartes chamaram a atenção dos visitantes

## Arte e psicologia

Uma constante na obra do artista, os nomes aparecem de diversas formas, além de no interior do Manto da Apresentação – título não atribuído por Bispo, mas que acabou se tornando a forma de identificação da peça. Emblemática é a obra chamada Caixa dos Escolhidos, um conjunto de cartões azuis de papel que contém nomes e identificações – profissão, lugar, etc. – de pessoas. O que aparentemente seria um caos, já que os cartões estão desordenados na caixa, na verdade esconde uma organização particular do doente mental: cintas de papel de seda agrupam alguns cartões em maços e contém inscrições que provavelmente são alguma forma de classificação dessas pessoas. Os nomes também aparecem num casaco, uma espécie de fardão azul-marinho – semelhante aos usados antigamente por marinheiros ou aos ainda utilizados pelos membros da Academia Brasileira de Letras – com bordados feitos em linha branca. Além das fileiras de nomes, figuram

estrelas, folhas e arabescos decorativos e a data 22 de dezembro, ocasião de seu primeiro surto místico seguido de internação. Para a estudante Natália Ebeling, esses bordados demonstram um planejamento meticuloso e denotam um cuidado extremo com o que ela acredita ser “um pedaço do mundo interno do artista”. Na leitura do professor Edson Sousa, essa organização do mundo feita por Bispo é que o aproxima do gesto do artista contemporâneo. “Ele tinha a missão de guardar a memória do mundo, de reconstruí-lo. É uma missão divina e com uma responsabilidade muito grande”, descreve. O psicólogo e pesquisador enfatiza ainda o quanto Bispo levou a sério o que a voz lhe ordenara, ou seja, o quanto mergulhou em seu delírio.

Na obra de Bispo do Rosário estariam contidos uma visão de mundo e questionamentos semelhantes aos propostos pelos artistas contemporâneos, ainda que estes

tenham sido postos de forma intuitiva por ele. De acordo com Edson, o doente mental cria um código próprio, por meio do qual expressa o que resulta de suas vertigens. É como se o enfermo sonhasse acordado, como se o sonho – forma típica de manifestação do subconsciente – aparecesse em outro contexto. Quando se manifesta durante o sono, é aceito; quando aparece enquanto o sujeito está acordado, é taxado de loucura, desvario, e deve ser reprimido. Edson destaca que “vivemos com o pé no freio”, ou seja, reprimimos os impulsos de nosso subconsciente; e ainda, diz ele, há algumas manifestações e delírios que são aceitos socialmente, como as fobias. No caso de Bispo, a vertigem se traduzia em uma dupla ideia de destruição e reconstrução. Para tal, ele desfiava o uniforme azul e usava esses fios para seus bordados. “Muitos desses trabalhos são criados como uma espécie de resposta, para deixar algum rastro depois da destruição”, explica.



## Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

### Amizade de longa data

Aos 86 anos, o segredo da longevidade do servidor aposentado Wilson Trindade é simples: nunca parar. Para preencher o tempo e manter a vitalidade, “seu Wilson” (como é mais conhecido) participa de diversas atividades, mas quando precisa escolher a preferida, nenhuma é páreo para seu compromisso das tardes de quinta-feira: é nesse dia que ele encontra os amigos, integrantes do Grupo Viver Melhor na Melhor Idade (GVMMI). Aliás, eles são mais do que amigos, são como membros da família: “Eu considero isso aqui como uma irmandade, de tanto contato que a gente tem”.

Formado por ex-funcionários da Universidade e seus dependentes, o grupo se encontra todas as quintas-feiras em uma sala térrea do Anexo 1 da reitoria, em reuniões que têm horário de início (14h30), mas não têm hora para terminar. Regados a café e bolachas, os encontros duram até acabar o assunto – “Nos encontramos pra conversar, e tem também o lazer, um passeiozinho ou outro”. Já foram à praia, à fazenda, já andaram na Linha Turismo, além de visitar todos os câmpus da Universidade: “Estamos sempre inventando coisas, o que não dá é pra ficar parado”.

A relação de seu Wilson com a UFRGS é antiga, mas começou por acaso. Em uma manhã de 1954, ele passava em frente ao canteiro de obras da construção do prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, quando viu um cartaz em que se lia “precisa-se de trabalhadores”. Entrou, se inscreveu para o cargo de servente de obras, pegou um carrinho de mão e foi para o pátio. Chegando lá, “tinha uns cento e poucos homens, todos aguardando a hora de começar. Antes de a gente iniciar o trabalho, o auxiliar de um engenheiro perguntou ‘tem alguém aí que saiba ler e escrever?’” A cena que se seguiu surpreendeu seu Wilson: olhando ao redor, percebeu que era o único a levantar o braço. No mesmo dia, foi encaminhado ao setor administrativo da Divisão de Obras. “Eu entrei nas obras, mas não cheguei a pegar na picareta. No primeiro dia, já fui promovido, indo direto pra distribuição. Deve ter sido a promoção mais rápida da Universidade.”

Em seu segundo cargo, ele passou cerca de três anos. “Precisavam de alguém pra fazer o pagamento, tomar nota do horário de entrada e saída dos funcionários, e antigamente tinha uma coisa muito boa: eram distribuídos pros funcionários ‘graciosamente’ carne, leite, frutas, de tudo. Eu trabalhava nisso também, tinha que andar por toda a Universidade. Foi assim que eu conheci a UFRGS.”

À medida que as obras foram concluídas, muitos dos contratados foram dispensados, mas esse não foi o caso de seu Wilson. Ele já

havia trabalhado como arquivista do Exército, e essa experiência lhe permitiu ocupar o cargo de arquivista da Divisão de Obras. Transferido, seu Wilson pensou que seria fácil adaptar-se às novas tarefas por conhecer as técnicas da profissão. Entretanto, aconteceu o contrário: “Me botaram no arquivo técnico e tive que aprender tudo de novo. Eu era especializado em arquivo pessoal, a linguagem era outra”.

Apesar do choque inicial, ele acabou gostando do cargo novo – tanto que passou os trinta anos seguintes como arquivista da Divisão de Obras. Em 1987, foi transferido para a biblioteca da Medicina, onde trabalhou até se aposentar, em 1989. Mas isso não representou o fim do vínculo de seu Wilson com a UFRGS, e sim uma nova etapa dessa relação que já dura 58 anos.

Apesar de ter sido criado oficialmente em novembro de 2000, o Grupo Viver Melhor na Melhor Idade existe há muito tempo. Seu Wilson faz parte do trio de fundadores, ao lado de Gilberto Silva e Ênio Verçosa, e conta que o GVMMI é apenas a formalização dos encontros que já ocorriam há anos. “Mesmo aposentado, eu estava aqui constantemente. Todos os dias nós vínhamos pra cá tomar café e conversar. A gente se encontrava, mas não tinha lugar fixo; às vezes no pátio, outras nos restaurantes. Daí um dia alguém falou: ‘Ah, vamos fundar um grupo aqui porque a gente tá sempre aqui dentro mesmo’, e assim criamos o grupo.”

A primeira sede oficial foi uma sala no prédio do antigo Instituto de Química, no Câmpus Centro, mas logo o grupo passou a se reunir na sala atual, decorada com um mural de fotos das confraternizações e viagens realizadas. Além de um lugar para encontrar os amigos e ex-colegas de trabalho, o GVMMI é também uma forma de continuar integrado à comunidade acadêmica. Segundo seu Wilson, a ligação com a Universidade é geral: “Além da ligação afetiva, nós estamos sempre ligados em tudo o que acontece aqui. Tanto a Universidade precisa de nós quanto nós precisamos dela”. Depois de tanto tempo, ele não consegue ficar longe dos câmpus. Primeiro, percorria as unidades a trabalho; agora, retorna toda semana por amor à instituição. Mas, como ele mesmo diz, não se trata de um retorno à UFRGS: “Eu não voltei porque nunca cheguei a sair! Eu sempre estive aqui, é o meu lugar”.

**Bibiana Guaraldi, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco**

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20 e às 23h.

## Perfil

### “Eu engravidado gavetas”

**Rejane Salvi**  
**Jornalista da Rádio da Universidade há três décadas, está sempre criando e reinventando o cotidiano**

Samantha Klein

A vida pode ser resumida em uma crônica? Talvez para alguns isso seja verdadeiro, mas não para essa jornalista que teve a coragem de ser a primeira a levar uma rádio para a Feira do Livro de Porto Alegre, diretamente da Praça da Alfândega.

“Gosto mesmo é da crônica, mas estão lá nas gavetas como uma catarse de mim mesma”, conta Rejane Salvi, que já publicou dois livros e pretende escrever mais um sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul e as histórias vividas por seus pais, próximas do realismo mágico de Gabriel García Márquez.

Não, Rejane não nasceu no interior do estado, onde até pouco tempo os sinos dobravam por um dia inteiro quando uma criança morria. Ela também não passou o frio que as mulheres sentiam por não terem meias para usar durante os rigorosos invernos gaúchos. No entanto, entre as quatro filhas do casal Ivo Antônio e Maria Lurdes Dametto Salvi, ela é a que tem como missão escrever essa história. É uma tarefa pessoal, um dever para com os antepassados e um sinal de afetividade. “Minha dívida é escrever esse livro, não só para contar as lembranças daqueles tempos, mas também para viver as emoções e contribuir para a História.”

O futuro livro ainda não tem título e pode demorar pelo menos dois anos para se transformar em um projeto concreto. Rejane Salvi, que sobe as escadas de mármore da Rádio da Universidade há 30 anos, já planeja a aposentadoria e deve assistir aos jogos da Copa do Mundo de 2014 em casa. Esse será o tempo para começar a escrever as memórias de seus pais. Porém, não vai ser a primeira vez que ela se detém

sobre a imigração no estado. Ainda na década de 80, já como funcionária da Universidade, recebeu uma bolsa de pesquisa da Capes a ser realizada em Portugal com o intuito de coletar material para produzir programas de rádio sobre a colonização açoriana.

Ela voltou não somente com material de sobra para fazer uma série de programas radiofônicos como para escrever um livro que foi lançado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, de Açores. Por aqui, Panorama Açoriano infelizmente se tornou uma raridade, já que ela trouxe poucos exemplares na bagagem. “Acabei lançando lá mesmo onde vivi de 1987 a 1989. Encontrei muita semelhança com os costumes daqui, com a arquitetura da Cidade Baixa e de Santo Antônio da Patrulha (no Litoral Norte do estado). Eu me sentia em casa”, lembra.

O compromisso com a História sempre permeou a trajetória da radialista. Quando o Golpe de 1964 completou 40 anos, produziu uma série de entrevistas com políticos e autoridades que foram atingidos de alguma forma. Com um material tão farto, porque não consolidá-lo nas páginas impressas para sempre? E dessas 22 entrevistas, 21 (uma não teve a permissão do entrevistado para ser publicada) se tornaram relatos do 1964 - *A vida 40 anos depois*.

**O jornalismo e os escritores** – Rejane lê no mínimo quatro livros por mês. A leitura constante não se explica somente pela paixão pelos livros, mas principalmente em razão do programa semanal Folhetim, que produz e apresenta pelos 1080 khz da Rádio da Universidade. “Eles (os escritores) estão cansados de, em muitas entrevistas, serem perguntados sobre o motivo do livro e o porquê daquele título. Assim, não dá para ler apenas a orelha do livro e fazer uma entrevista em profundidade.”

E o retorno dos autores é imediato. Muitos aspectos que estão na obra nem sempre são notados pelo escritor e acabam sendo discutidos durante o programa, que vai ao ar aos sábados, às 13h30min (*podcast* disponível no site da Rádio). Autor de livros como *O Pêndulo do Relógio*, *Valsa para Bruno Stein* e *O Escorpião da Sexta-feira*, Charles Kiefer revelou no Folhetim que é muito ruim escrever um livro e ter de resumir em uma resposta de 30 segundos.

Desde que assumiu o programa, que já foi apresentado pelo escritor

Carlos Urbim, foram centenas de entrevistas com a presença dos escritores diante dos microfones da emissora, mas também na Praça da Alfândega. Em 1984, começou a cobrir a Feira do Livro de Porto Alegre entre os estandes, os escritores e o público. Os primeiros anos foram difíceis, pois a equipe se resumia a radialista, que produzia e apresentava, e a um estagiário. Durante 25 anos, o Tempo de Livro foi transmitido direto da maior feira ao ar livre da América Latina, e assim permanece a cada ano. E em 2009, último ano de programa conduzido por Rejane, foi consagrado pelo Prêmio Açorianos de Mídia em Literatura.

**Ponte entre os livros e a arte** – Mas como a História é cíclica e o espírito é irrequieto, Rejane não poderia ter os olhos somente sobre os livros e a voz nas ondas do rádio. Há cerca de três anos, resgatou uma paixão guardada desde a infância. Mesmo como autodidata e sem chamar de arte as peças únicas que produz, o apartamento onde ela vive está tomado de instalações e peças que vão desde esculturas em madeira a bijuterias com cristais, vidro e tramas de alumínio.

Quando menina, o quarto que habitava na casa do bairro São João na capital era cheio de criações com pinturas e intervenções. Com a profissão, o casamento e a maternidade, a arte ficou de lado. No entanto, com a filha crescida, o tempo livre passou a ser utilizado para além da leitura. Basta olhar as paredes de seu apartamento no bairro Auxiliadora para perceber que cada obra tem um toque único, que vem sendo lapidado pela jornalista-radialista-leitora-escritora-artista.

A arte chegou num momento em que a visão contemplativa ganhou ainda mais força para Rejane. Mas como uma jornalista tem uma visão contemplativa? Ao apreender a vida nos instantes, nos detalhes, conforme ela explica. “Acho que é perceber os cheiros, os sabores da vida. Ir curtindo, observando. É tão bom parar e ver: ‘Nossa, como o dia está bonito hoje!’ A idade mostra que momentos, amigos e amores vão ficando mais importantes. Não sei se é pela finitude ou pela afinidade.”

Não é à toa que Lessy, uma cadeliha sem raça de três anos que chegou em casa para ser companhia da filha, acabou se tornando mais amada por Rejane do que ela poderia em qualquer momento imaginar.



FLÁVIO DUTRA/JU

### Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para [jornal@ufrgs.br](mailto:jornal@ufrgs.br) e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



Revirar gavetas, além de fatídicos encontros com traças gordas, sempre pode trazer a surpresa de lembranças esquecidas, memórias abandonadas, documentos deixados de lado. Rever fotografias ou redescobrir o trabalho de fotógrafos “perdidos” é, além de um grande prazer, sempre uma forma de retomar visualmente um mundo passado. As fotos desta página fazem este percurso. Fotógrafo atuante em Porto Alegre nos anos 80 até falecer em meados dos anos 90, Sergio trabalhou com publicidade e, principalmente, moda, em um tempo em que esta ainda não era tão valorizada por estes pagos – vejam-se os cursos universitários existentes na área hoje. Por longo tempo, as imagens de Sergio estiveram guardadas nas caixas de recordações de modelos, que, na maioria, se tornaram seus amigos e amigas. Carismático, de olhos vivos, jogava, como o fotógrafo norte-americano Irving Penn, com a personalidade dos fotografados, tornando suas imagens de moda retratos quase documentais.

# Sergio Gonçalves

## Um gesto de luz

TEXTO **FLÁVIO DUTRA**  
FOTOS **SERGIO GONÇALVES**

AS IMAGENS DESTA  
ENSAIO SÃO PARTE DA  
MOSTRA *OCUPAÇÃO*, COM  
TRABALHOS DE GUSTAVO  
DIEHL, DANIEL EIZIRIK,  
ROGER REGNER, LEONARDO  
REMOR, DENNY CHANG,  
LÍVIA PASQUAL E DO  
HOMENAGEADO SERGIO  
GONÇALVES, EM EXPOSIÇÃO  
NA GALERIA MASCATE  
- RUA LAURINDO, 332, DE  
3.º A SÁBADO, DAS 14 ÀS  
18H, ATÉ 27/05.

